

1987-88 — DOIS ANOS DE PESQUISA EM ARQUEOLOGIA MEDIEVAL E MODERNA

Alberto Antunes de Abreu (coord.)

José da Cruz Lopes

António Maranhão Peixoto

Rui Alberto Faria Viana

Rui Manuel Cavalheiro da Cunha

Desde 1987 que, na região do baixo Lima, coordenada por Alberto Antunes de Abreu, vem trabalhando uma equipa — coesa e dedicada — voltada para a investigação histórica no domínio da Arqueologia Medieval e Moderna.

Desenhou-se ela na sequência das campanhas de limpeza no convento de S. Francisco do Monte em 1985, de que foi elaborado o respectivo relatório¹ e subsequente publicação dos resultados². Posteriormente, um dos signatários, na sequência de colaboração que vinha dando ao então F.A.O.J., orientou cientificamente, como veremos, uma campanha de limpeza no convento de Sanfins, num âmbito de valorização e defesa do Património Monumental, como actividade de Campo de Trabalho de férias³.

Entretanto, foi pelo mesmo apresentado um projecto de investigação de Arqueologia Medieval e Moderna para a baixa bacia do rio Lima⁴. Aí se reconhecia a extraordinária riqueza arqueológica da região, com base num instrumento bibliográfico⁵, num ensaio-inventário de monumentos medievais feito pelo mesmo autor⁶ e na tese para provas de aptidão científica e pedagógica de Carlos A. Brochado de ALMEIDA⁷. E nesta se anunciava, a ser elaborada

¹ Abreu e Lopes 1985a.

² Abreu, Arezes e Lopes 1988.

³ Abreu 1988a.

⁴ *Id.* 1989a.

⁵ *Id.* 1985a.

por ele e por um dos signatários deste texto, a *Carta Arqueológica de Viana do Castelo* que, nas suas 133 fichas, amplamente veio confirmar⁸ o que sobre a riqueza arqueológica desta área vinha sendo afirmado. Infelizmente estes instrumentos de referência são — assumidamente — parcelares, já que a resenha bibliográfica, é certo que sem âmbito cronológico definido, se limitava a monumentos militares, o ensaio-inventário se cingiu à época medieval, a tese à Proto-história e época da Romanização, a *Carta Arqueológica*, nos termos da encomenda feita, não vai além do século XV. A investigação destina-se a descobrir novas estações, sem dúvida, e a ampliar o inventário. Mas tem também, no caso vertente, a vantagem de contribuir para a inventariação de monumentos arqueológicos modernos não militares. Como no projecto se dizia, “Para a Idade Moderna, já há algumas investigações sobre o Castelo de S. Tiago da Barra (das quais uma de minha [de A. A. Abreu] autoria⁹) e os castelos «da Restauração», em conferência que proferi em Outubro de 1984 em Valença, mas ainda não tive a oportunidade de publicar. Entretanto o dr. A. Matos REIS publicava um inventário dos Castelos do distrito de Viana do Castelo¹⁰, e o Castelo de S. Tiago da Barra era objecto de duas novas publicações¹¹. Mas tudo (ou quase tudo) falta a nível de igrejas, cruzeiros, alminhas, pontes, habitações, instalações portuárias, etc.” E fora esta consciência que motivara a campanha de limpeza¹² já referida, e a campanha arqueológica de 1987, que será um dos objectos deste ensaio. Mas o referido projecto prevê intervenções em outros monumentos desta área (nos conventos e mosteiros medievais e modernos; nos cais portuários marítimos e fluviais; nas pontes que forem objecto de restauro e outra intervenção pública; nas aldeias abandonadas no decurso da grande depressão do séc. XIV e da “little ice age” dos sécs. XVII e XVIII que forem sendo detectadas), nomeadamente: os mosteiros alti-medievais de Vila Mou e S. Cláudio de Nogueira, o castelo roqueiro de S. Martinho, o Paço de Paredes, o Castelo de S. Tiago da Barra, a aldeia soterrada de S. João de Ester, a igreja abandonada da Meadela, o castelo da Vinha e similares do litoral norte, a muralha de Caminha, o cais de S. Lourenço (Darque), a aldeia abandonada de S. Mamede (Areosa)¹³.

⁶ *Id.* 1985b.

⁷ Almeida, C. A. Brochado 1987.

⁸ Abreu e Almeida 1988.

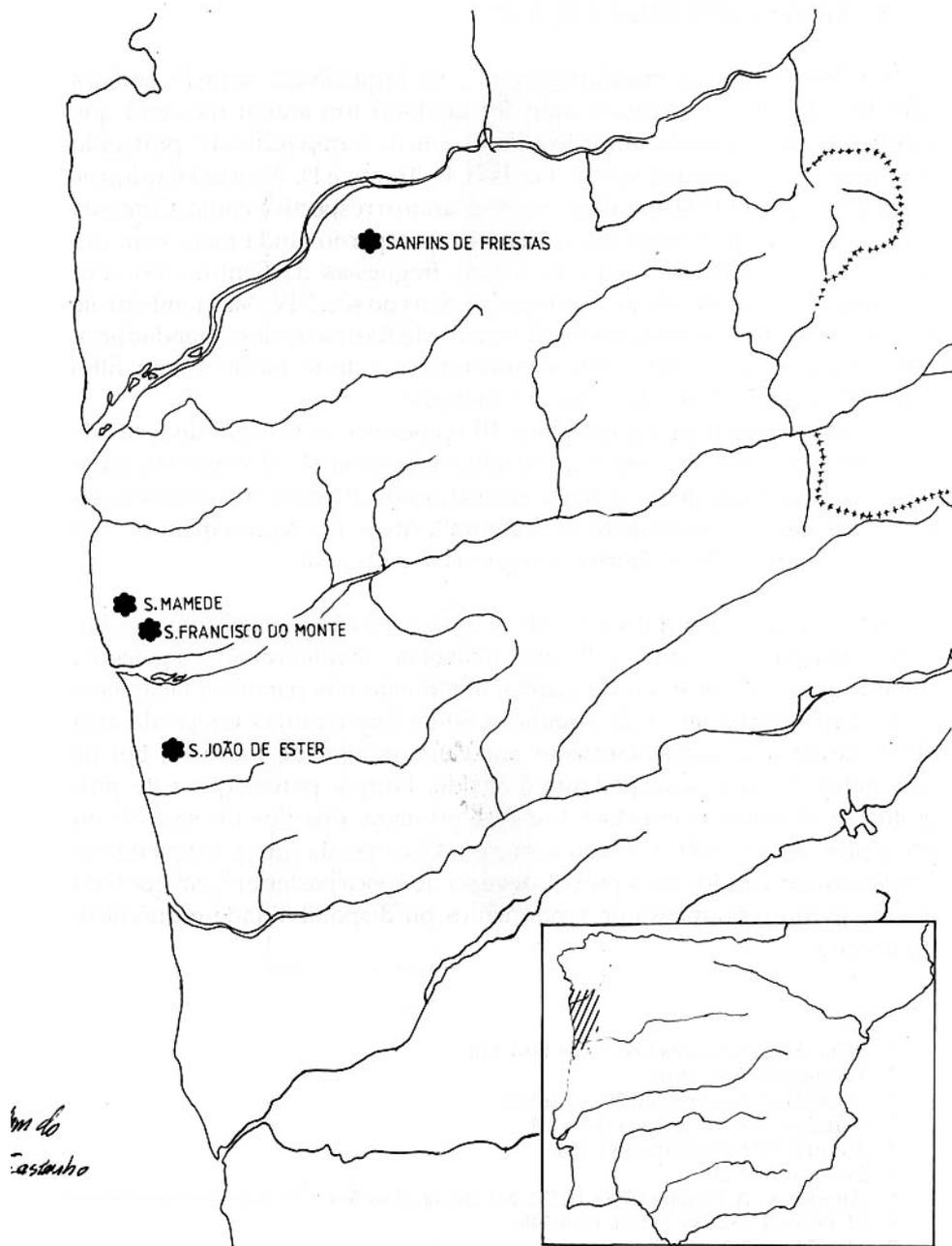
⁹ Abreu 1986a.

¹⁰ Reis 1985.

¹¹ Cameira 1986; Reis 1987.

¹² Abreu, Arezes e Lopes 1988.

¹³ Abreu 1989a: 116-117.



1. SANFINS DE FRIESTAS, 1987

1.1. Numa região particularmente rica em Arqueologia Antiga¹⁴, embora não date da época visigótica, aqui foi fundado um antigo mosteiro que prosperou graças à sua localização junto do vau de Careja (Carexi)¹⁵ protegido pelo castelo roqueiro de Fraião¹⁶. Por isso, D. Teresa e D. Afonso Henriques, por documento de 1134, lhe alargaram e doaram o respectivo couto. Com esta doação e a reforma beneditina, o mosteiro prosperou ainda mais: com um couto cujo território abrangia as actuais freguesias de Sanfins, Friestas, Gondomil, Taião e Verdoejo, era dos mais ricos no séc. XIV. Mas também ele foi vítima da crise religiosa dos fins da Idade Média e pasto de comendadores: em 1542, D. João III fez nomear comendatário deste mosteiro seu filho D. Duarte e em 1548 já nele só havia 3 monges¹⁷.

Por isso nesta data o papa Paulo III o anexava ao Colégio de Jesus de Coimbra, e dele tomou posse a Companhia de Jesus em 1554, com o encargo de sustentar um cura no mosteiro. Com a extinção da Companhia, os seus bens passaram para a Universidade de Coimbra¹⁸. Até muito recentemente (1938) a igreja foi, apesar de excêntrica à freguesia, a paroquial.

1.2. O programa arquitectónico beneditino é românico, mas numa fase de ornamentação exuberante, facilmente filiável no vizinho românico galego¹⁹, como a igreja do mosteiro de Ganfei, atendendo aos paralelos facilmente detectáveis com a igreja de Tomiño, a Sé de Tuy e outras igrejas da área de Pontevedra. É particularmente notável o motivo de touro ou boi de raça galega²⁰. Isto no respeitante à ábside. Porque parece que este programa se desenrolou em duas fases. A primeira, dos fins do séc. XII ou princípios do séc. XIII, realizou a ousia²¹. O corpo da igreja, pequeno em relação ao que a ábside fazia prever, deve ser de época posterior²², em que teria havido já uma contracção de rendimentos ou disponibilidade económico-financeira.

¹⁴ Almeida, C. A. Brochado e Abreu 1984: 81a.

¹⁵ Herculano (1956): 368b.

¹⁶ Almeida, C. A. Ferreira 1978b. 37 (nº 76).

¹⁷ Portugal 1938: 10-12; Costa 1981: 108.

¹⁸ Portugal 1938: 12; Costa 1981: 108.

¹⁹ Portugal 1938: 20.

²⁰ Almeida; C. A. Ferreira 1978a: II, 232, 262-263; *Id.* 1986: 54a.

²¹ *Id.* 1978a: II, 232-233, 263; *Id.* 1986: 54b.

²² *Id.* 1978a: II, 262, 263.

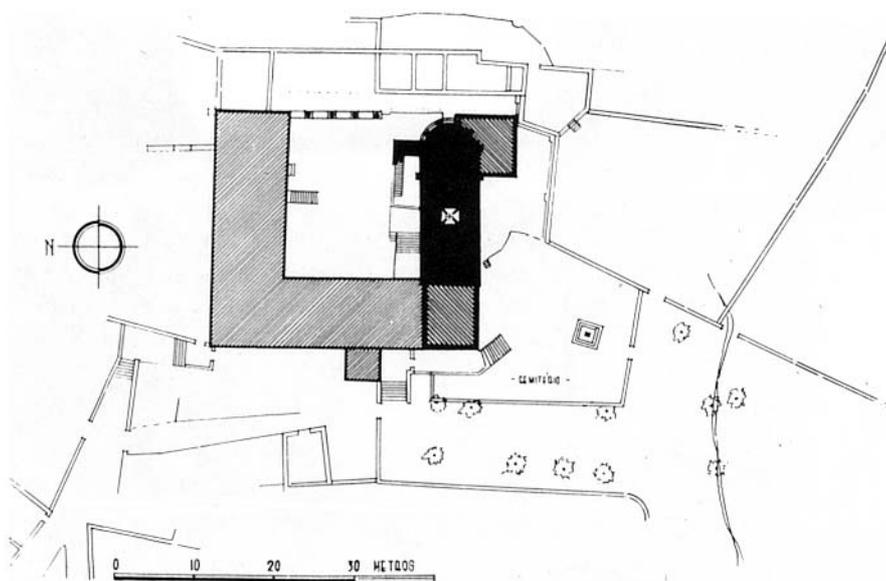


Fig. 1 — S. Fins de Friestas — Planta geral antes das obras.

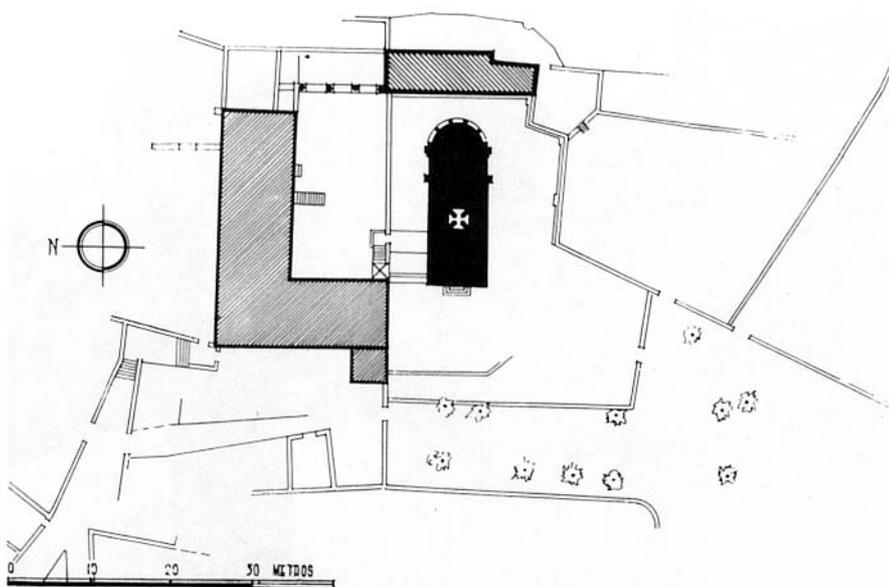


Fig. 2 — S. Fins de Friestas — A mesma planta depois das obras.



Fig. 3 — Fragmento de inscrição que teria sido da galilé.

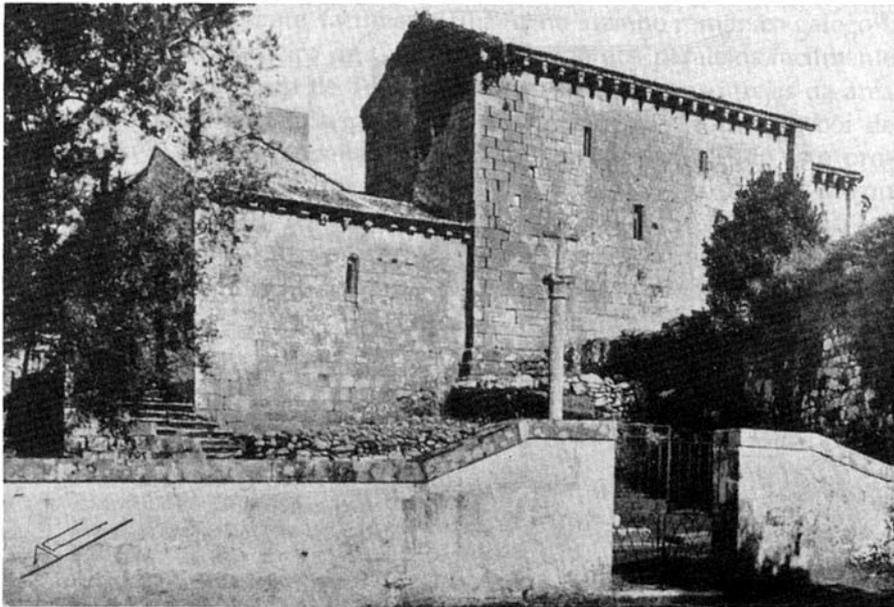


Fig. 4 — Galilé destruída da igreja de Sanfins de Friestas.



Fig. 5 — Terreiro e convento de Sanfins em 1987.



Fig. 6 — Anexo da cerca do lado oeste, em ruínas.

Desta segunda fase, ou, mais provavelmente, duma terceira fez parte a construção duma galilé que C. A. Ferreira de Almeida considera como feita “em boa arquitectura românica, e que era indispensável ao conjunto. Era a sua existência que explicava a relativa pobreza e a pouca profundidade da porta principal desta igreja”. É possível que esta — terceira — fase tenha terminado em 1221 data ainda fotografada em 1988 mas se calhar já perdida (fig. 3), época que “condiz com o tipo de cachorros, alguns com caras, que apresentava” (fig. 4). Apesar de poder ter tido inscrita a data de 1780 na sua porta²³, tratava-se duma construção medieval (posteriormente “restaurada”, concerteza); mas mal funcionou como “nartex”²⁴: antes como capela mortuária, original, românica tardia, como mostram os cachorros que tinha, que foram feitos para essa peça e não foram tirados da fachada sul para serem aqui enxertados²⁵, já que são de estilo ducentista, pouco posteriores aos da nave da igreja.

Em consequência da dissolução dos costumes dos monges, da contracção da comunidade e do desleixo dos comendatários, o mosteiro foi-se arruinando progressivamente²⁶. Por isso os jesuítas se viram obrigados a restaurar o mosteiro e a igreja. A data da campanha (1548) ficou gravada numa das pedras por se ter tratado praticamente duma “reconstrução geral”²⁷. Ela fez-se com prejuízo dos programas medievais a cujos elementos foram adjungidas “obras de má vizinhança”, de tal modo, que, pondo de parte a capela mortuária, “só a parte superior da fachada principal (fig. 4), a fachada sul e uma pequena parte da ábside eram visíveis, entre as variadíssimas construções ali acumuladas, quando a Direcção-Geral (dos Edifícios e Monumentos Nacionais) iniciou os trabalhos de reintegração.

O restauro — desastrado — “despiu e isolou impiedosamente esta igreja, hoje demasiado solitária”. Foi-lhe retirada a galilé que funcionou como capela mortuária²⁸, por a considerarem um nartex construído no séc. XVIII²⁹, assim como a ligação entre esta e a residência paroquial (antigo convento), e a sacristia, substituídos por uma edificação de 2 pisos nas traseiras da igreja (é o que evidenciam as figs. 2 e 3, extraídas do *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*.

²³ Portugal 1938: 21.

²⁴ *Id., ibid.*: *ibid.*

²⁵ *Id., ibid.*: 21, 26.

²⁶ *Id., ibid.*: 11-12.

²⁷ *Id., ibid.*: 13.

²⁸ Almeida, C. A. Ferreira 1986: 54a.

²⁹ Portugal 1938: 26.

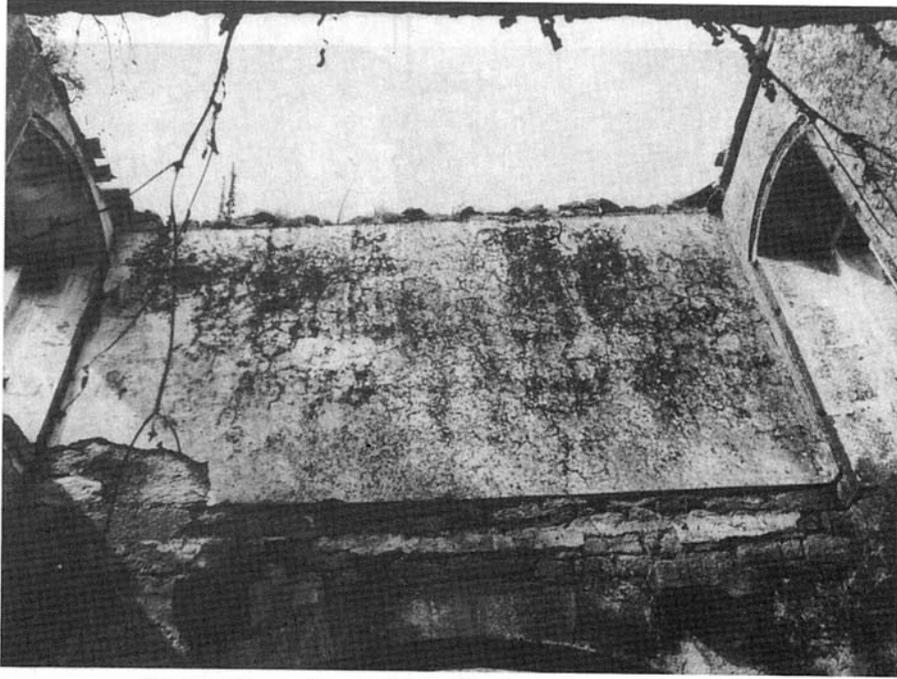


Fig. 7 — Compartimento da ala das celas, sem soalho nem tectos.



Fig. 8 — Acesso à ermida a Nordeste, impedido pelo matagal.



Fig. 9 — Ala norte do convento, vista de Nordeste.



Fig. 10 — Ala sul do convento, pasto das heras.

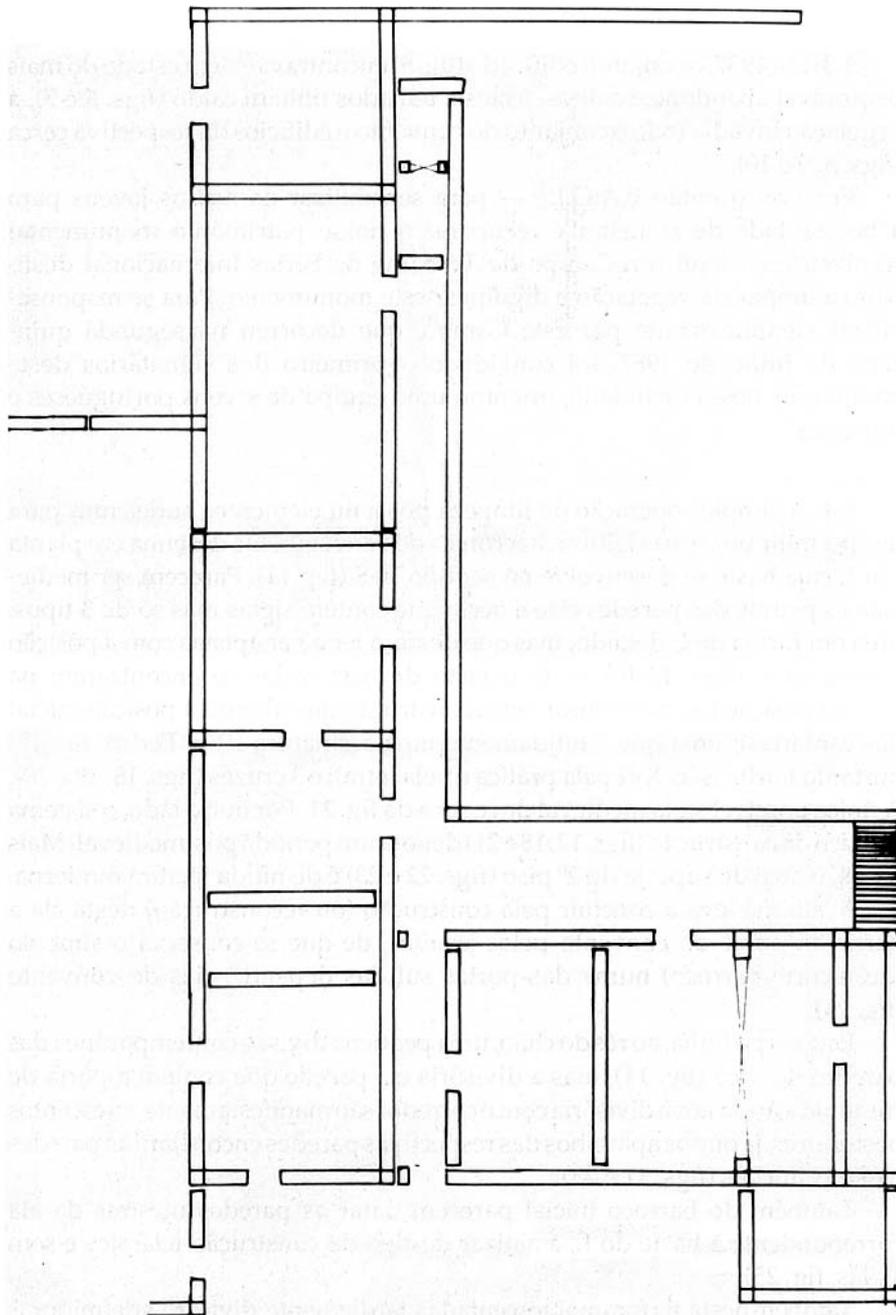


Fig. 11 — Planta esquemática aproximada do convento.

1.3. Em 1987, o conjunto edificado (fig. 5) encontrava-se em estado do mais deplorável abandono: soalhos, tectos e telhados tinham caído (figs. 6 e 7), a vegetação invadia todo o conjunto do convento e edifícios da respectiva cerca (figs. 8, 9 e 10).

Por isso o então F.A.O.J. — para sensibilizar os nossos jovens para a necessidade de respeitar e recuperar o nosso património monumental resolveu criar aqui um Campo de Trabalho de Férias Internacional destinado a limpar da vegetação e dignificar este monumento. Para se responsabilizar cientificamente por este Campo, que decorreu na segunda quinzena de Julho de 1987, foi convidado o primeiro dos signatários deste ensaio que, nessa qualidade, orientou uma equipa de jovens portugueses e franceses.

1.4. A simples operação de limpeza pôs a nu elementos suficientes para nos permitir uma certa leitura diacrónica do convento. Ele desenha em planta um L cuja haste se desenvolve no sentido N-S (fig. 11). Parecem ser medievais as pedras das paredes este e oeste que contêm siglas mas só de 3 tipos: uma em forma de C deitado, mas que deviam ter a ver apenas com a posição dos silhares (figs. 12-16) — (e o facto de nem todas se encontrarem na mesma posição faz-nos pensar em reconstrução que alterou a posição inicial das cantarias); uma que é nitidamente uma assinatura (P^o = Pedro, fig. 17) portanto tardia (séc. XVI pela prática e pela letra); e 3 cruces (figs. 18, 19 e 20). A única possível sigla medieval deve ser a da fig. 21. Por outro lado, o sistema clássico da construção (figs. 12, 18 e 21) denota um período pós-medieval. Mais ainda, o arco de suporte do 2^o piso (figs. 22 e 23) é de nítida factura moderna. Tudo isto me leva a concluir pela construção (ou reconstrução) desta ala a partir da posse do convento pelos jesuítas, de que se conserva o símbolo (de recorte barroco) numa das portas sul das dependências do convento (fig. 24).

Este corpo tinha, ao rés do chão, uma pequena divisão contemporânea das paredes do arco (fig. 11), mas a divisória e a parede que contém a porta de comunicação da nova divisória com o corredor são manifestamente acrescentos posteriores, já que os aparelhos das respectivas paredes enconstam às paredes mestras iniciais (figs. 11 e 23).

Também do barroco inicial parecem datar as paredes mestras da ala correspondente à haste do L, a ajuizar do tipo de construção (clássica e sem siglas, fig. 25).

Também nesta ala foram acrescentadas, tardiamente, divisórias definidoras de novos compartimentos (figs. 25 e 26).

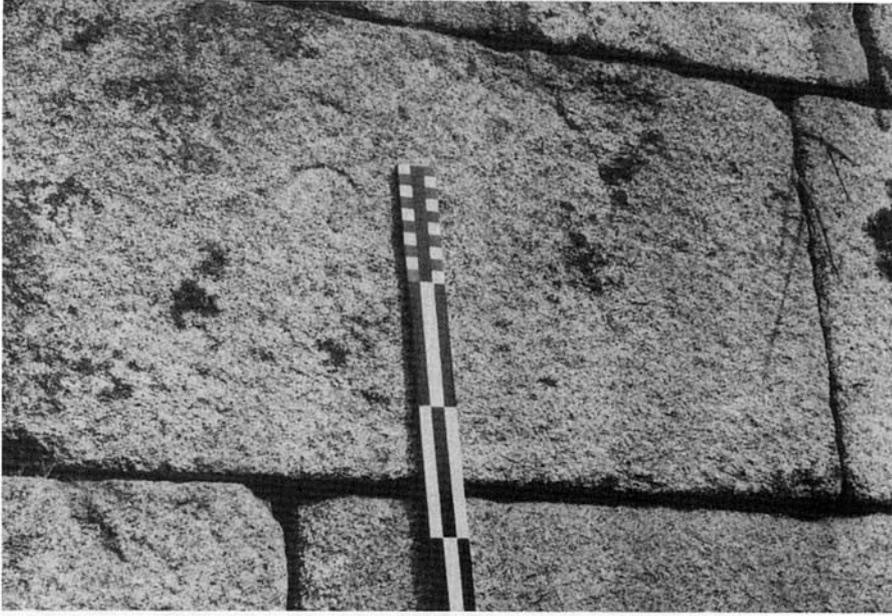


Fig. 12 — Pedra siglada.

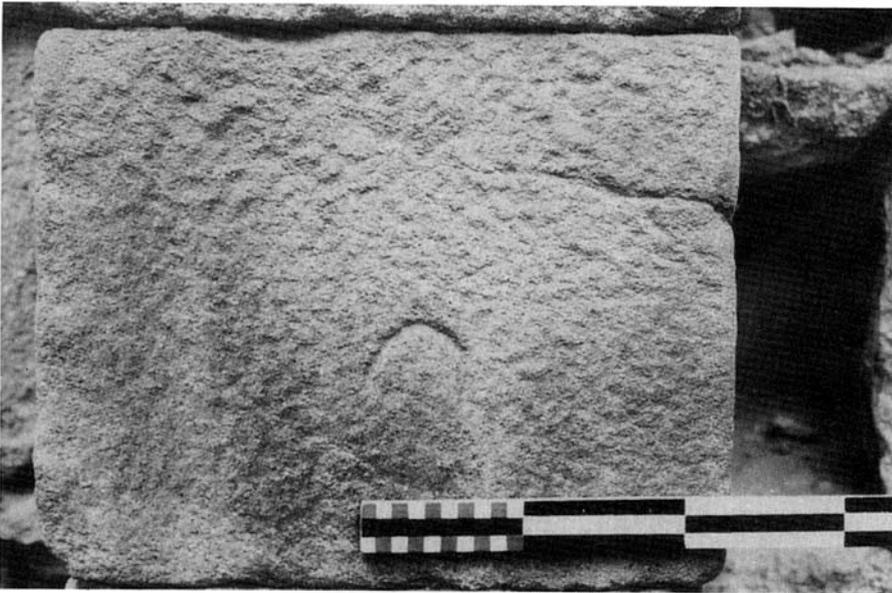


Fig. 13 — Pedra siglada.

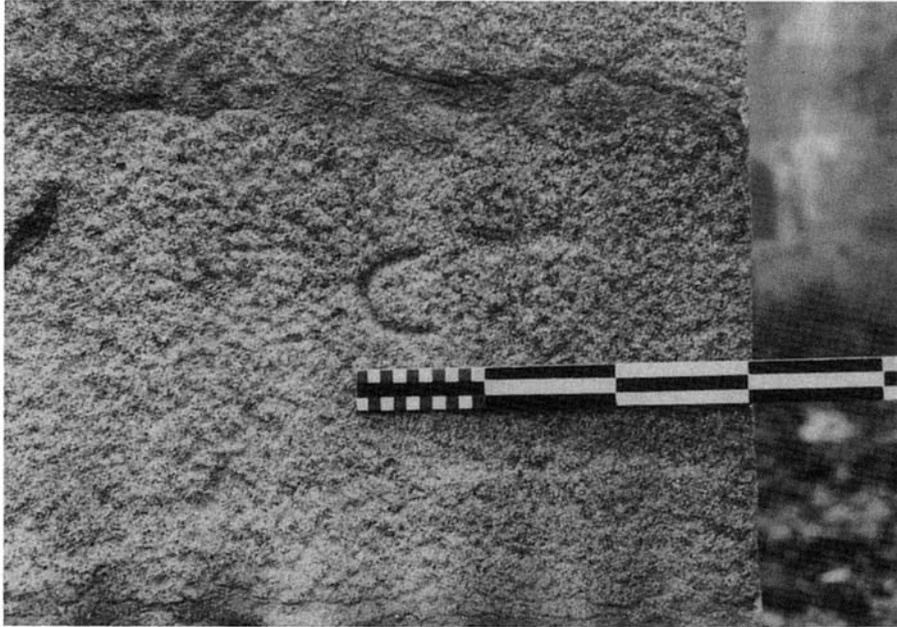


Fig. 14 — Pedra siglada.

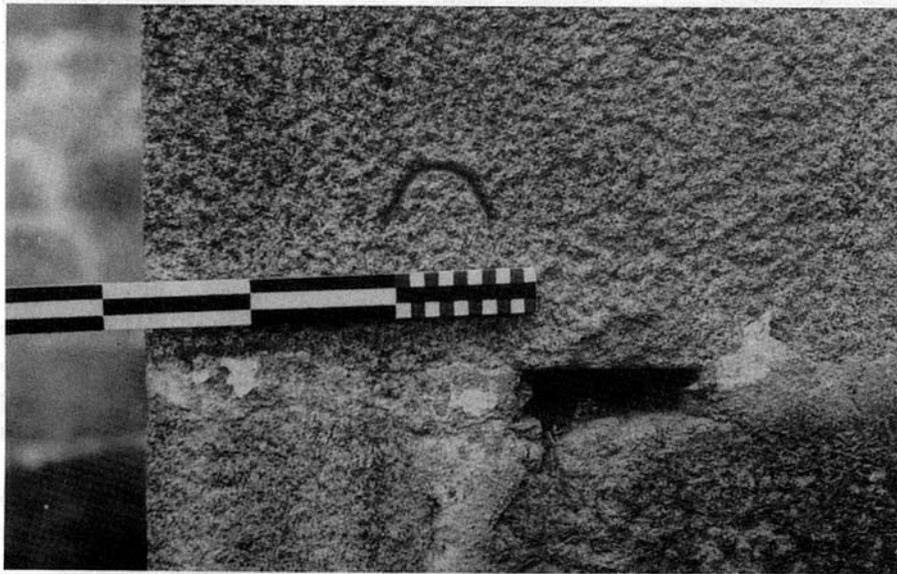


Fig. 15 — Pedra siglada.



Fig. 16 — Pedra siglada.

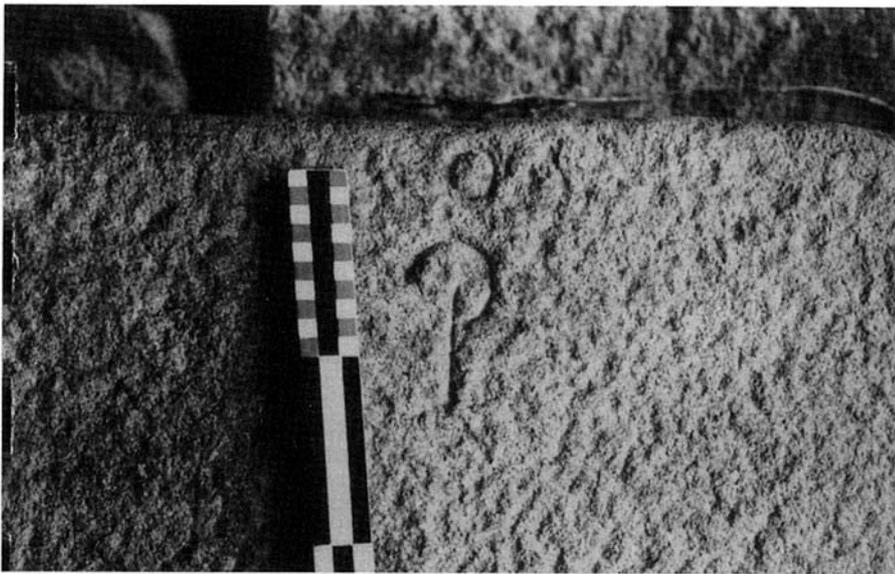


Fig. 17 — Pedra com assinatura.

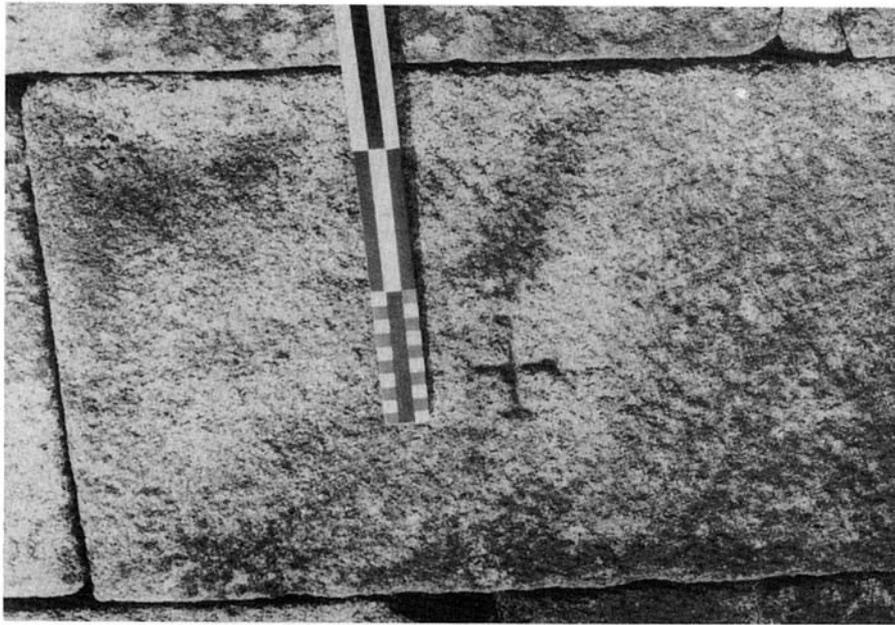


Fig. 18 — Pedra assinalada com cruz.



Fig. 19 — Pedra assinalada com cruz.

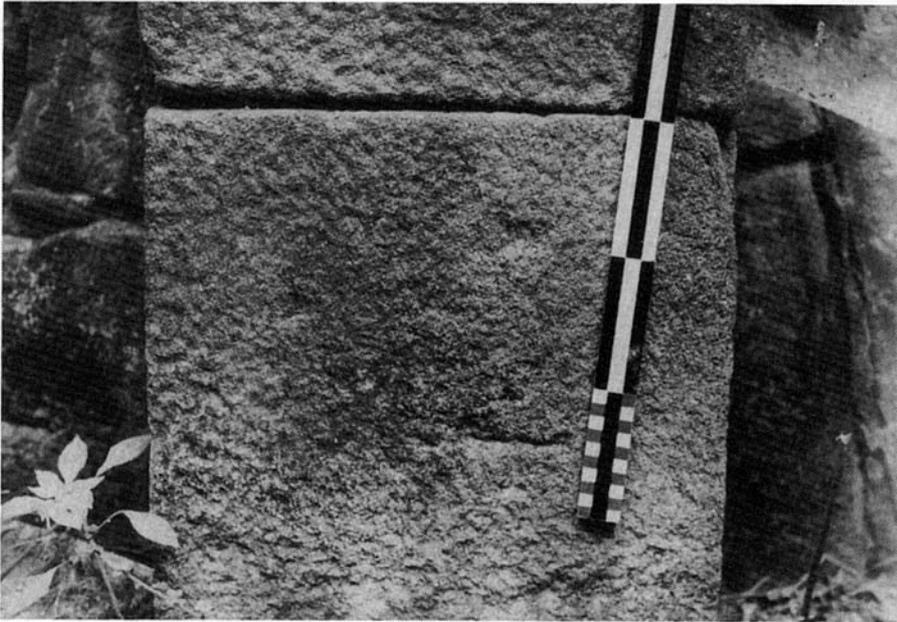


Fig. 20 — Pedra assinalada com uma cruz.



Fig. 21 — Pedra com sigla medieval.



Fig. 22 — Arco de suporte do piso sobradado.



Fig. 23 — Articulação do arco com a parede.



Fig. 24 — Sigla jesuítica sobre uma porta.

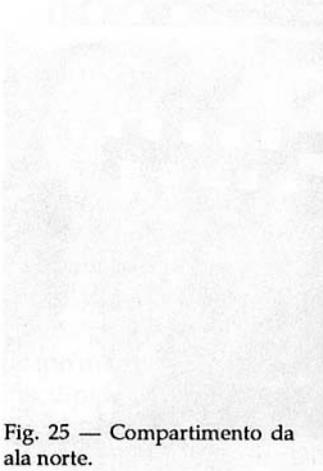


Fig. 25 — Compartimento da ala norte.





Fig. 26 — Outro compartimento da ala norte.

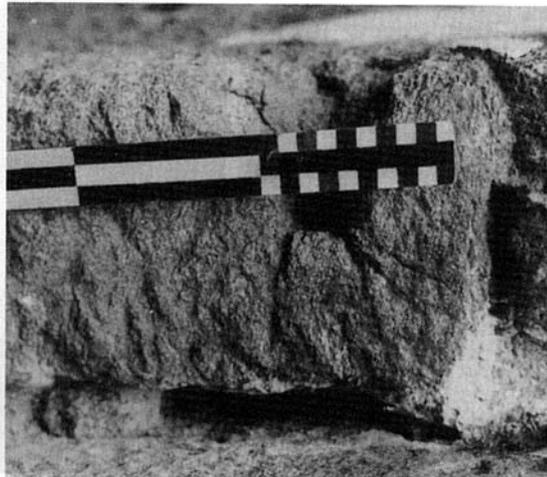


Fig. 27 — Silhar com possível vestígio de *forceps*.

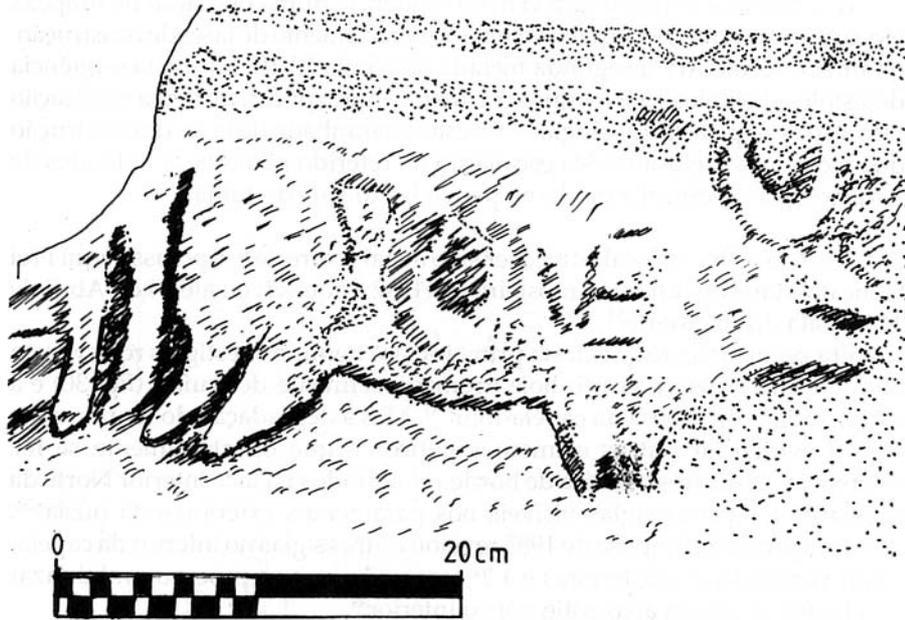


Fig. 28 — Inscrição romana de Sanfins de Friestas.

1.5. Mas o nosso olhar atento ainda descobriu que, para lá de vestígios medievais, o convento incluiu restos ainda mais antigos: uma pedra que, apesar de muito desbastada, parece ainda ter o vestígio da cavidade onde engatava o *forceps* (fig. 27) e uma inscrição latina. Trata-se duma pedra reaproveitada para cunhal da intersecção da arcaria do claustro por uma escada para o terreiro. Numa das faces (virada a N) tem uma escultura tosca de um mamífero (parece um ovídeo) e na outra a de um bovino com a inscrição insculpida BOVE (fig. 28). (Se uma das duas faces ocultas contiver a escultura dum suídeo, poderia tratar-se duma inscrição votiva, comemorativa dum *suouetaurilia*).

2. S. FRANCISCO DO MONTE, 1987

O convento de S. Francisco do Monte está situado no lugar de Abelheira, freguesia urbana de Santa Maria Maior da cidade de Viana do Castelo, na vertente SE do monte de Santa Luzia, maciço de granito porfiróide de grão fino, de origem hercínica, à altitude de 160m e com as coordenadas $41^{\circ} 42' 50''$ N e $0^{\circ} 18' 20''$ W.

A campanha arqueológica vem na sequência duma operação de limpeza efectuada no ano de 1985, que revelou um entruzamento de fases de construção, do fim do século XIV à segunda metade do século XVIII. E foi esta sequência de sístoles-diástoles-sístoles que será interessante explicar, mas cuja explicação tem de passar pela Arqueologia — foi este emaranhado de fases de construção que motivou a inclusão desta escavação no referido plano de actividades de Arqueologia medieval e moderna para o baixo vale do Lima³⁰.

2.1. A escolha do local parece ter sido a mais correcta³¹, e por isso aqui Frei Gonçalo Marinho fundou o mosteiro em 1392 e aqui viveu até 14 de Abril de 1440, data da sua morte³².

Era ponto assente que desta primeira fase nenhuns vestígios restavam, a não ser “um cruzeiro gótico hoje irremediavelmente destruído (fig. 30) e a cachorrada borgonhesa da capela-mor”³³. Mas a degradação do monumento veio a evidenciar outros elementos góticos a que oportunamente se fez referência: “uma fresta gótica de bordos chanfrados na face interior Norte da capela-mor e várias siglas visíveis nos paramentos exteriores da ousia”³⁴. A 1^a campanha de limpeza de 1985 revelou outras siglas no interior da capela-mor, vandalismos posteriores e a 2^a campanha que os procurou minimizar revelaram ainda um arco-sólio gótico interior³⁵.

No século XVI, mais concretamente em 1554, uma nova campanha teria erguido “um novo mosteiro sobre o antigo a expensas de Gonçalo Perreira Vilas Boas, fidalgo de Areosa” e desta fase dataria o claustro³⁶. Segundo Figueiredo da GUERRA, desta reconstrução não teriam ficado vestígios. Mas as campanhas de 1985 e respectivos relatórios evidenciaram como quinhentistas alguns túmulos datados, a porta de acesso do claustro à sacristia, dois

³⁰ Abreu 1988b: 1.

³¹ Abreu, Arezes e Lopes 1988: 153-154.

³² Rosa 1889: n.º 272; Gonçalves 1959: 137.

³³ Gonçalves 1959: 138.

³⁴ Abreu 1985b: 8ab; Abreu, Arezes e Lopes 1988: 155.

³⁵ Abreu, Arezes e Lopes 1988: 156.

³⁶ Gonçalves 1959: 137, 139.

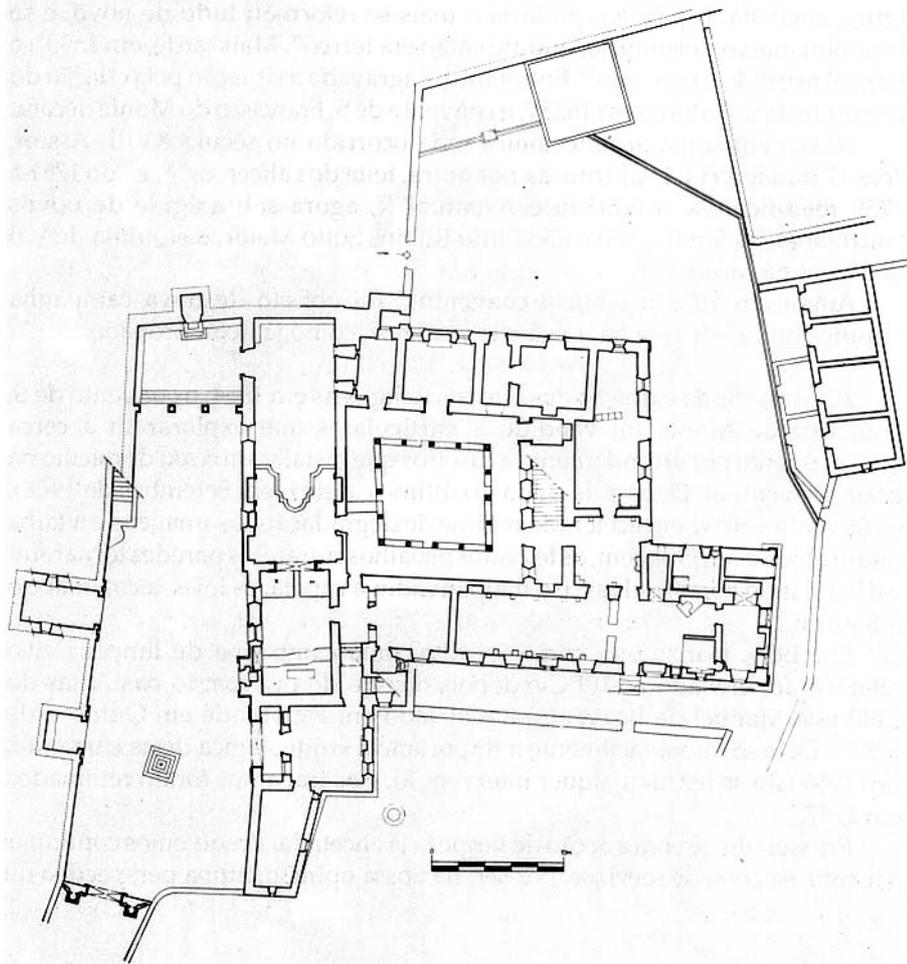


Fig. 29 — Planta ao nível do 1º piso do convento de S. Francisco do Monte.

confessionários situados ao fundo da igreja e a porta de acesso da cozinha à copa³⁷. Durante e na sequência deste programa, o conjunto edificado teria crescido para um segundo piso: segundo Fr. Pedro de JESUS MARIA JOSÉ, nesta altura “se fizeram as colunas do claustro, e varandas, [...] que excepto a igreja, sacristia, capítulo e portaria o mais se reformou tudo de novo, e se levantou mais o dormitório, que até então era térreo”. Mais tarde, em 1590, se teria construído o coro alto³⁸. Entretanto, e agravada a situação pela criação do convento de S. António em 1625³⁹, o convento de S. Francisco do Monte decaíu.

Nova campanha arquitectónica teria ocorrido no século XVIII. Assim, “em 1736, a igreja foi substituída por outra, feita dos alicerces”⁴⁰, e “de 1751 a 1759 reedificou-se o edifício conventual”⁴¹, agora sob a égide de novos padroeiros, da família Sebastião Pinto Rubins Sotto Maior, da Quinta de Val de Flores na Meadela⁴².

Ainda em 1825 o edifício conventual foi objecto de nova campanha arquitectónica⁴³ de que há inegáveis vestígios, como já ficou provado.

2.2. A partir da extinção das Ordens Religiosas em 1834, o convento de S. Francisco do Monte foi vendido a particulares que exploraram a cerca agricolamente por arrendamento a caseiros que instalaram o seu domicílio na parte conventual. Depois da saída do último caseiro (em Setembro de 1966), o convento entrou em acelerado regime de degradação. As imagens e a talha foram objecto de pilhagem, os telhados e soalhos ruíram, as paredes tornaram-se habitat de heras e silvas, e o mato invadiu a capela, as lojas, a cozinha e o refeitório.

Em 1985, realizou-se, como foi dito, uma campanha de limpeza cujo relatório foi enviado ao IPPC e depois objecto de publicação nas Actas do Colóquio Manuel de Boaventura, realizado em Esposende em Outubro de 1985⁴⁴. Dele se infere facilmente a importância arqueológica deste convento. Em 1986 não se fez aí qualquer intervenção, e os trabalhos foram retomados em 1987.

Prosseguiu-se com a acção de limpeza já encetada. Resolvemos continuar a incidir na zona de serviços, por ser, na nossa opinião, numa perspectiva de

³⁷ Abreu, Arezes e Lopes 1988: 145, 156.

³⁸ Jesus Maria José (1754): I, 539; Abreu, Arezes e Lopes 1988: 154-155.

³⁹ Presa 1968: 124.

⁴⁰ Gonçalves 1959: 137.

⁴¹ *Id.*, *ibid.*: *ibid.*

⁴² Araújo 1985: 19b; Abreu, Arezes e Lopes 1988: 155, 156.

⁴³ Abreu, Arezes e Lopes 1988: 155; Gonçalves 1959: 137.

⁴⁴ Abreu, Arezes e Lopes 1988.



Fig. 30 — Entrada do terreiro, cruz gótica e portaria de S. Francisco do Monte.

“Nova História”, a zona que melhor reflecte a vida da comunidade (e, através dela, a dos homens das épocas em questão).

Foi pela primeira vez limpa a sacristia, que revelou uma parte térrea onde assentou soalho e uma parte revestida a pedra, que era onde se teria instalado o arcaz. A zona de lavabo adjacente revelou um lavatório alimentado do exterior (fig. 31). Limpou-se metade da área do refeitório, sendo posta à vista toda a estante de leitura (em pedra). Foi limpa uma dependência que abria na face oeste do átrio de acesso ao refeitório (abrindo para o lado oposto ao refeitório, portanto). Revelou-se uma dependência de planta constituída por 2 rectângulos justapostos (de 4.9x6.8m e 4.8x3.3m). A limpeza do rectângulo maior, onde se situa uma pia que foi limpa e desentulhada e onde argolas de prisão de parede sugerem uma corte, revelou, na limpeza das paredes superiores, as janelas e até restos do piso (em madeira) das celas (figs. 32 a 34). A limpeza do rectângulo menor, separada do anterior por um muro para suporte e encaixe de varões, revelou uma estrutura pétrea em forma de piso irregular, do tipo de sumidouro (fig. 35), que deveria ter sido, já que por cima se encontravam as celas e junto o que nos pareceu uma corte.

Ao limpar o piso, apareceu um bocal de vaso enterrado (fig. 36), vaso que foi cuidadosamente retirado do local (fig. 37) e se desenha na figura 38. Trata-se dum pote de duas asas, das quais uma partida (falta-lhe a parte superior) e com falta do bordo, que desapareceu totalmente. A pasta é rósea, e a cozedura do tipo da “louça regional”. A face exterior está decorada na passagem do colo para a pansa com motivos em meandros inscritos entre dois filetes paralelos. A particularidade mais saliente é a de a face exterior bem como a interior estar coberta, até à altura do arranque das asas, com vidrado, de coloração verde garrafa no exterior e cor de mel no interior. Trata-se dum tipo que se pode enquadrar dentro da produção das cerâmicas regionais do século XIX, destinadas em princípio à conservação de água. Estava enterrado na posição vertical com a boca a rasar o solo, e à distância da porta que dá para a cerca — de um passo em frente e dois para a direita. Poderá, por isso, muito naturalmente, tratar-se dum “cofre” de emergência, pela fácil localização num sítio (corte e sumidouro) que, pela imundície, seria o último a ser saqueado.

A capela-mor apresenta, como foi dito no relatório da intervenção de 1985⁴⁵, uma sobreposição intrigante de épocas, do século XV ao XVIII, pelo que nos pareceu que seria a zona prioritariamente de mais interesse para intervenção arqueológica.

Instalou-se, assim, uma quadrícula com rectângulos de 2.65x3.00m, que se limitou à zona exterior ao altar. Começámos pelo quadrado IV. Afinal, a

⁴⁵ Abreu, Arezes e Lopes 1988.

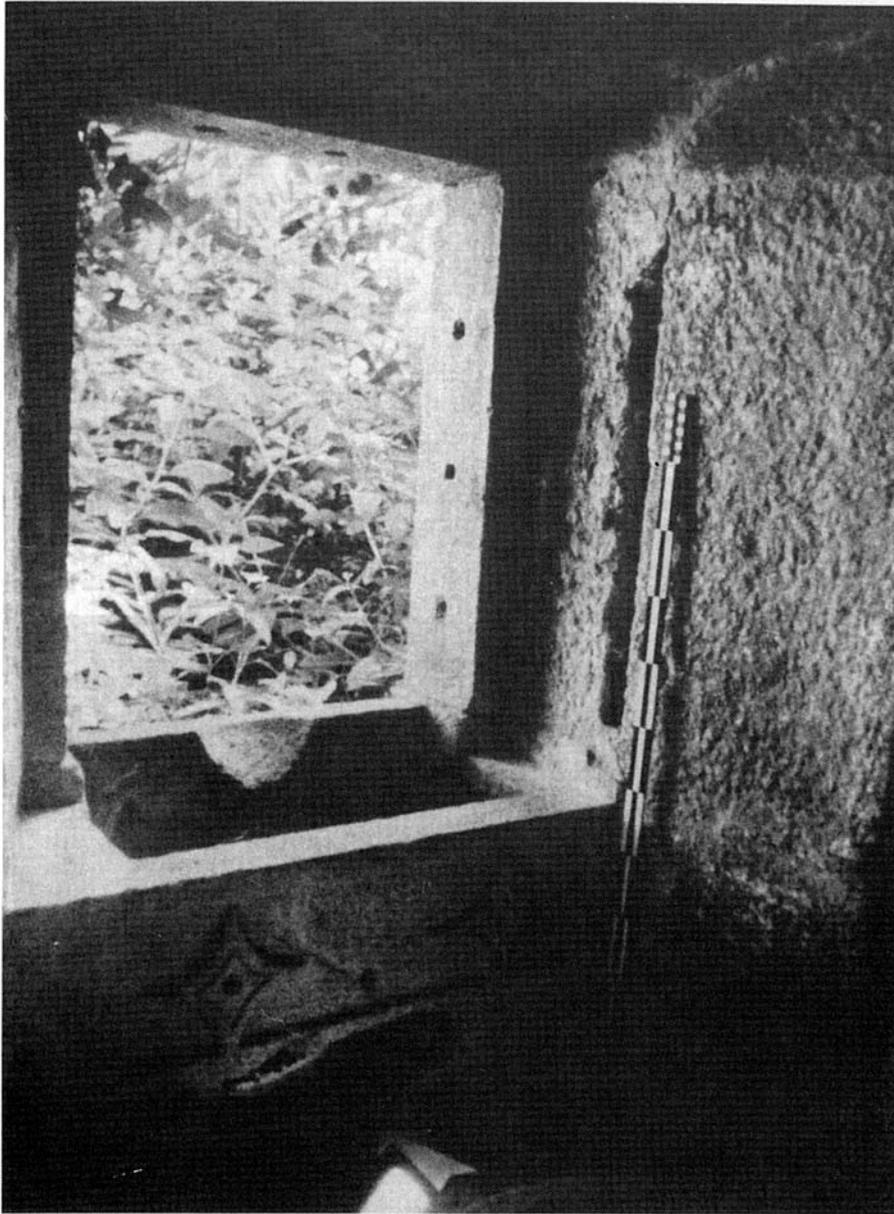


Fig. 31 — Lavabo da sacristia de S. Francisco do Monte.

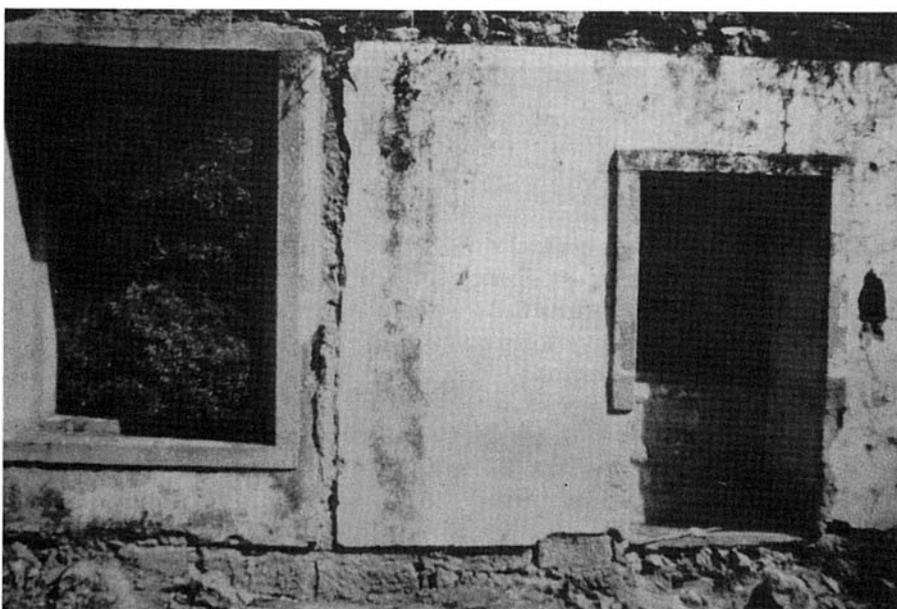


Fig. 32 — Janelas das celas de S. Francisco do Monte.

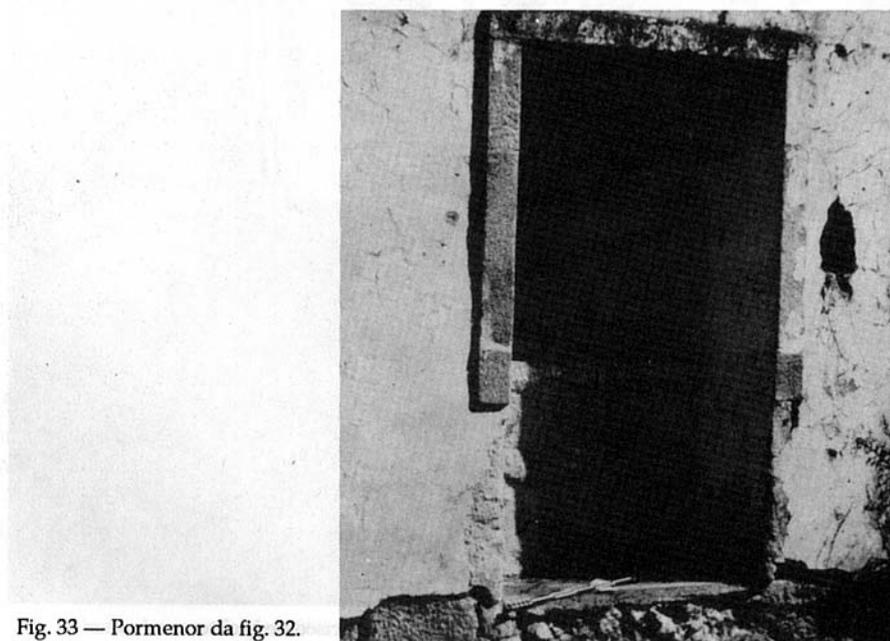


Fig. 33 — Pormenor da fig. 32.

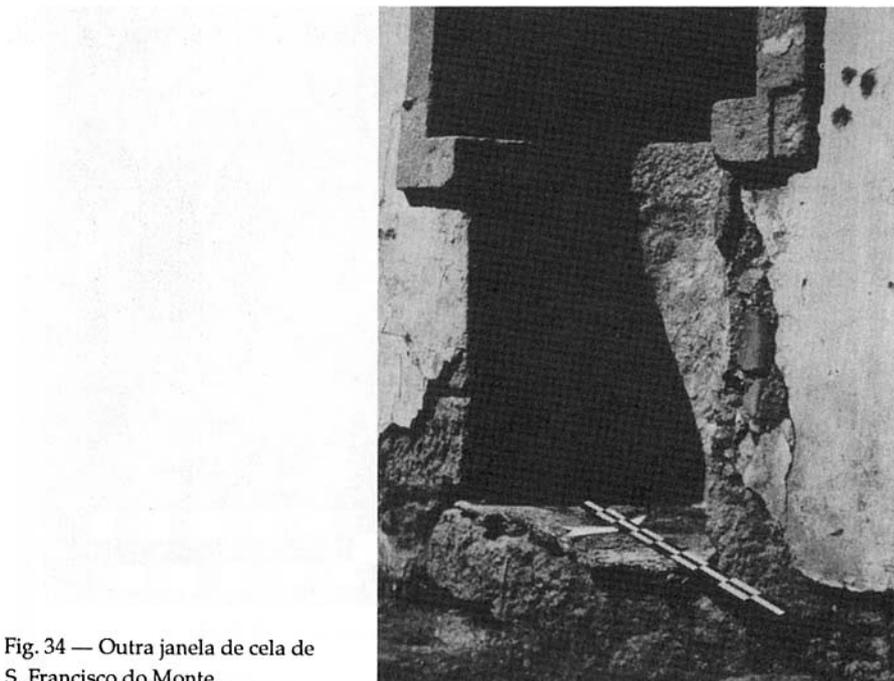


Fig. 34 — Outra janela de cela de S. Francisco do Monte.

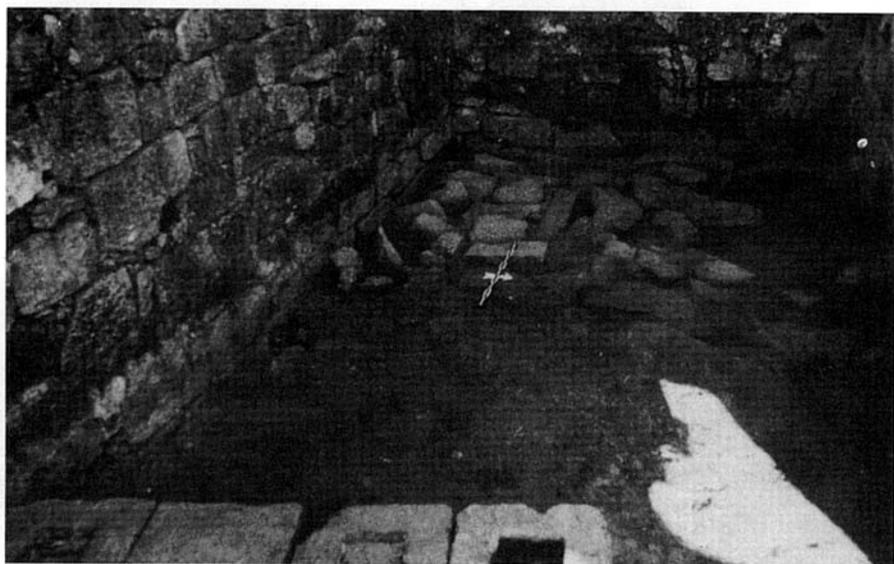


Fig. 35 — Sumidouro do convento de S. Francisco do Monte.



Fig. 36 — Aparecimento do bocal de um vaso enterrado.



Fig. 37 — Retirando o vaso das figs. 36 e 38.

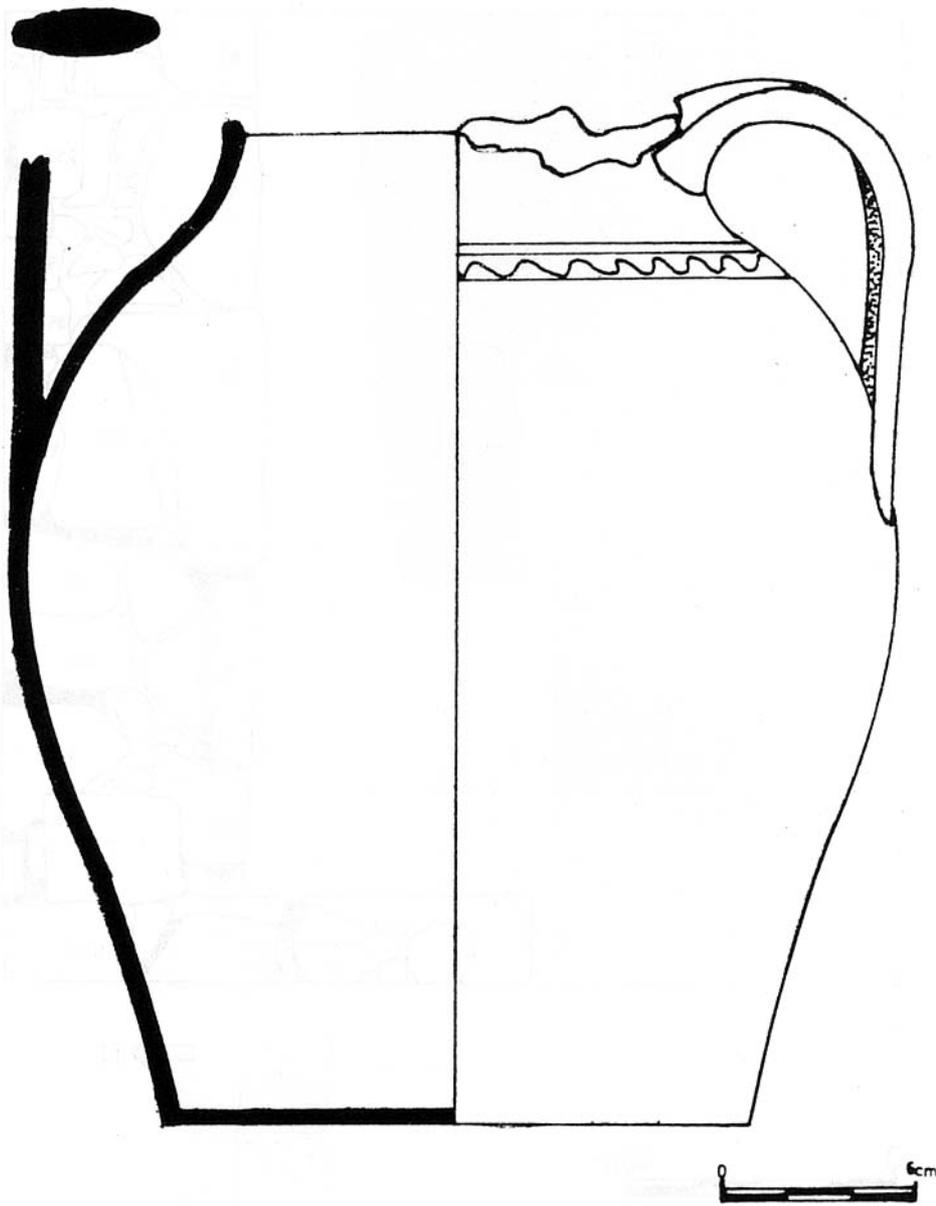


Fig. 38 — Desenho do vaso encontrado em S. Francisco do Monte.

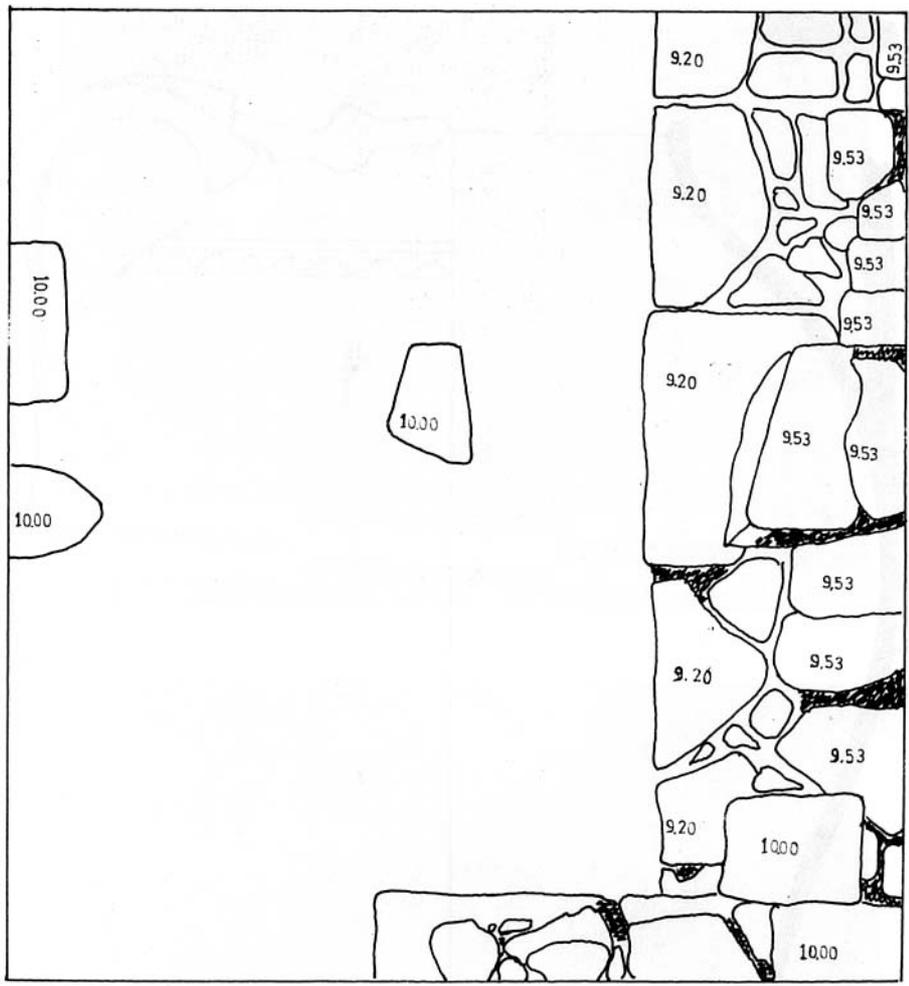


Fig. 39 — Planta do quadrado IV aberto no chão da capela-mor do convento de S. Francisco do Monte.

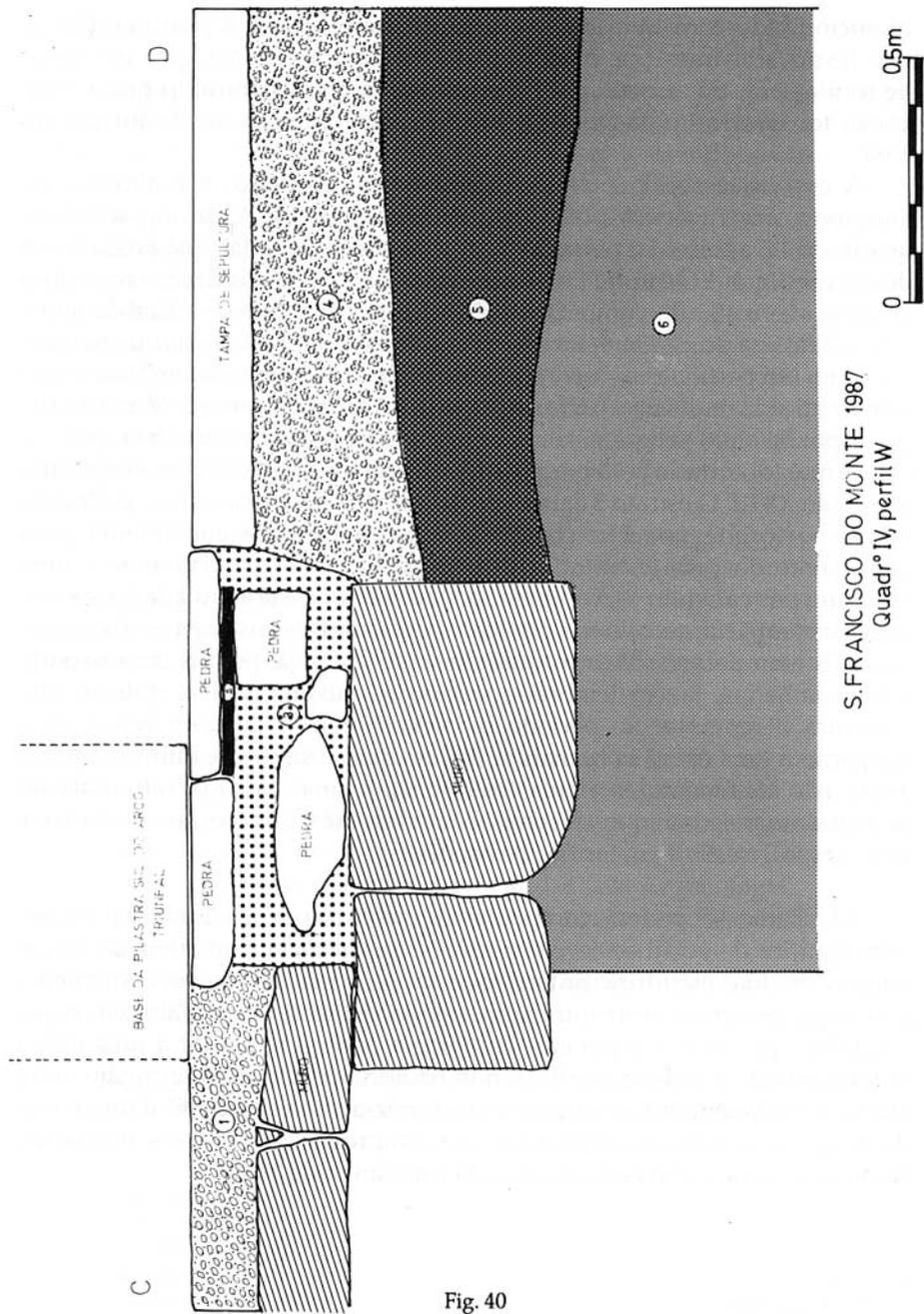


Fig. 40

S. FRANCISCO DO MONTE 1987
 Quadr° IV, perfil W

minuciosidade com que foi conduzida a escavação e a profundidade a que levou acabaram por o transformar na figura arqueológica do “poço de sondagem”. Só que só em 1988 se atingiu a rocha natural, já que a escavação foi interrompida por esgotamento do tempo a ela destinado em 1987.

A escavação revelou, de cima para baixo, 6 estratos e 2 alicerces de anteriores construções (fig. 39) (o que era insuspeitado). A estratigrafia deste quadrado IV apresenta, portanto, as 6 sucessivas camadas que passamos a descrever (fig. 40). O estrato 1 é constituído por cascalho misturado com saibro amarelo avermelhado, compacto e espesso, e encosta à parede actual da actual igreja. Trata-se do nivelamento do chão sobre o qual poderia ter funcionado o soalho. No perfil oeste, encontram-se restos dum piso (estrato 2) de argila esbranquiçada muito compacta sobreposta a um resto de muro (Muro A) que corresponde a um programa arquitectónico de que este estrato foi o piso ou chão e que foi cortado pelo programa arquitectónico visível e uma sepultura do século XVIII. O estrato 3 é uma camada de terra com cascalho e pedras de maior porte que poderão constituir uma camada de enchimento para lançamento do piso (estrato 2). Este estrato encontra parcialmente a uma estrutura pétreia (Muro B). Também ao “Muro B” encosta a camada 5, espessa, de terra compacta, constituída por terra negra com alguns carvões dispersos, e que é contemporânea da estrutura acima referida, cujas pedras, de bom porte e bem talhadas, fazem lembrar construções medievais. Daí que, se esta estrutura B remontar ao período medieval, teremos de fazer remontar a ocupação a uma época bem mais antiga do que se supõe. A última camada, ainda não totalmente escavada (estrato 6), é uma camada humosa com manchas amareladas e que, tal como as anteriores (à excepção da camada 5 que tem carvão), é estéril em termos de espólio.

2.3. Como se poderá compreender melhor com a leitura da análise estratigráfica do perfil oeste, comprova-se a existência, para além do actual templo, de duas estruturas anteriores e que, se identificam com construções anteriores, podendo a estrutura pétreia ainda visível ser eventualmente o que resta dum provável templo cuja cronologia poderá remontar a uma época indeterminada da Idade Média, tendo havido um templo intermédio entre este e o actual, e de que resta o fragmento de piso acima referido. O alargamento da pesquisa ao resto da edificação veio comprovar as hipóteses aventadas, como se poderá ver das conclusões da campanha de 1988⁴⁶.

⁴⁶ Abreu 1989.

3. S. JOÃO DE ESTER 1988

3.1. Depois de uma prolongada luta pela autonomia que passou pela erecção em paróquia em 1968⁴⁷, o lugar de Chafé, até então integrado na vasta freguesia de Anha, tornava-se em 1986 uma freguesia independente.

Com efeito, este lugar sempre fora marginalizado, por distante da sede paroquial e até porque também se teria ele auto-marginalizado, de cioso da sua identidade, que decerto a sua população não sabia, mas que remontava pelo menos à Idade Média. Aparece, de facto, neste local, uma paróquia de S. João de Ester nas Inquirições de 1220 e 1258. Um processo de deposição de areias de transporte eólico ter-se-ia feito sentir desde muito cedo⁴⁸. Mas foi a partir do século XVI que ele se mostrou irreversível: depois desta data, deixa de ser referida a igreja de S. João de Ester, a paróquia é anexada à de Anha⁴⁹ e apenas o lugar de Chafé passa a ser referido. Grande papel tiveram nesta irreversibilidade os efeitos da *little ice age* no período entre os séculos XVI e XVIII⁵⁰.

Em 1896 um feliz acaso fez aparecer vestígios da antiga igreja paroquial⁵¹, o que veio confirmar a tese dos que afirmavam uma antiga autonomia, mas a descoberta não teve a conveniente exploração arqueológica. Apesar de tudo, parece que os achados, embora escasseando, continuaram. O proprietário do terreno, Sr. Luciano Martins Viana, diz ter encontrado ossos humanos quando plantou a vinha que no local encontrámos .

3.2. Começou-se pelo quadrado IV, que revelou 2 estratos e uma violação (estrato 4) (fig. 41), mas foi estéril em espólio. Aprofundada a escavação apenas num poço de sondagem de 2x2m no ângulo noroeste, nada ainda se encontrou, a não ser um fragmento de tégula na camada 4. Parecia que as informações da população eram desmentidas pela Arqueologia.

Mas, como alguns populares diziam ser o canto noroeste da propriedade onde se encontrava a antiga igreja, abriu-se, para sondagem, o quadrado V, onde, ao nível do estrato 2, se encontraram agrupamentos de pedras que a sequência da escavação demonstrou serem muito provavelmente sepulturas (fig. 42).

Por esta razão, voltou-se ao plano inicial. O quadrado III, escavado então, revelou ao nível do estrato 3 uma sepultura em caixa com um esqueleto

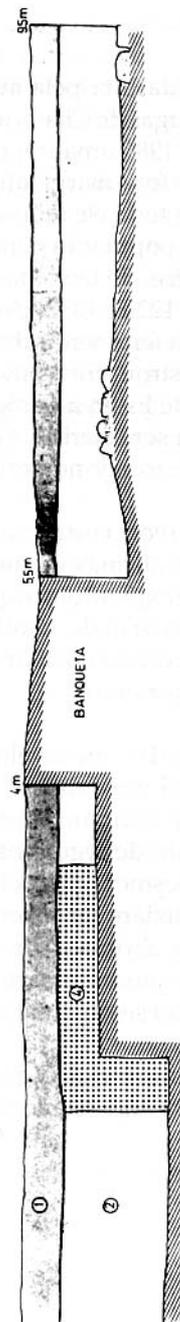
⁴⁷ Fernandes 1973.

⁴⁸ Abreu (1987): 30.

⁴⁹ *Id.* 1986b.

⁵⁰ *Id.* 1987: 57, 77.

⁵¹ Guerra 1899: 611-612.



S. JOÃO DE ESTER 1988
QUADROS III E IV - perfil Norte

Fig. 41

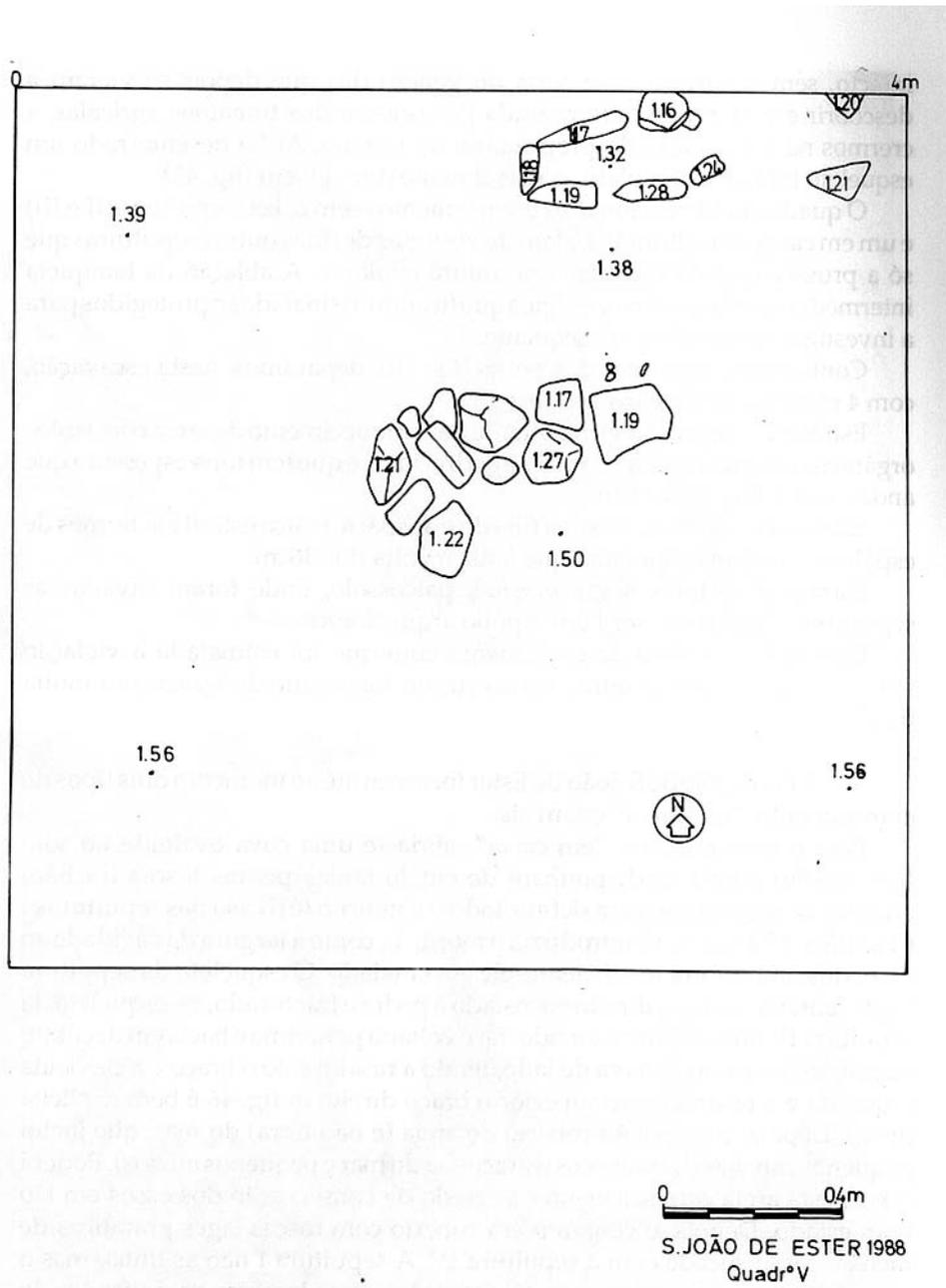


Fig. 42

intacto, sem cobertura (que seria do género das que depois se vieram a descobrir e poderia ter sido retirada por ocasião dos trabalhos agrícolas, a crermos na informação do proprietário do terreno. Aí foi desenterrado um esqueleto intacto e completo, possivelmente dum jovem (fig. 43).

O quadrado III revelou dois enterramentos sem caixa (sepulturas II e III) e um em caixa (sepultura IV), além de vestígios de duas outras sepulturas que só a prossecução da escavação permitirá explorar. A ablação da banquetta intermédia revelou outros vestígios que ficaram assinalados e protegidos para a investigação científica subsequente.

Conforme se pode ver dos perfis (fig. 40), deparámos, nesta escavação, com 4 estratos, assim constituídos:

Estrato 1 — terra arável, resultante do enriquecimento da areia com restos orgânicos (de estrume ou de raízes apodrecidas) e que tem uma espessura que anda em média pelos 20cm.

Estrato 2 — camada de areia fina de transporte eólico estéril em termos de espólio e com uma espessura que anda à volta dos 36cm.

Estrato 3 — terra negra vegetal, paleossolo, onde foram cavadas as sepulturas. Também estéril em espólio arqueológico.

Estrato 4 — Saibro de enchimento com que foi colmatada a violação feita quando se abriu a mina. Forneceu um fragmento de *tegula* com muita usura.

3.3. A necrópole de S. João de Ester forneceu até ao momento dois tipos de enterramento: "em caixa" e sem ela.

Para o enterramento "em caixa", abria-se uma cova ovaloide no solo (paleossolo) e nela se dispunham de cutelo tantas pedras toscas (rachão) quantas as necessárias para definir todo o contorno (é o caso das sepulturas I e IV) (figs. 43 a 46). Aí se introduzia o morto. E, como a largura da cavidade ao nível dos ombros era insuficiente, ele era entalado. O esqueleto da sepultura I apresentava o úmero direito encostado à pedra e fracturado, e o esqueleto da sepultura IV tinha o tronco torcido: face voltada para cima e bacia em decúbito dorsal; mas o tronco estava de lado, tendo a rasar o solo o braço e a clavícula esquerda e a rasar a parte superior o braço direito (a fig. 46 é bem explícita disto). Depois, o corpo era coberto de areia (e não terra) do mar, que inclui pequenas conchas de moluscos (caracoleta do mar e pequenos búzios). Poderá estar nesta areia com salsugem o segredo da conservação dos ossos em tão bom estado. Depois, o conjunto era coberto com toscas lages graníticas de rachão, como sucede com a sepultura IV. A sepultura I não as tinha, mas o proprietário, que acompanhou a escavação, disse lembrar-se de ter tirado umas pedras em que bateu a relha do arado, no local onde a sepultura I foi descoberta.



Fig. 43 — Sepultura I de S. João de Ester.

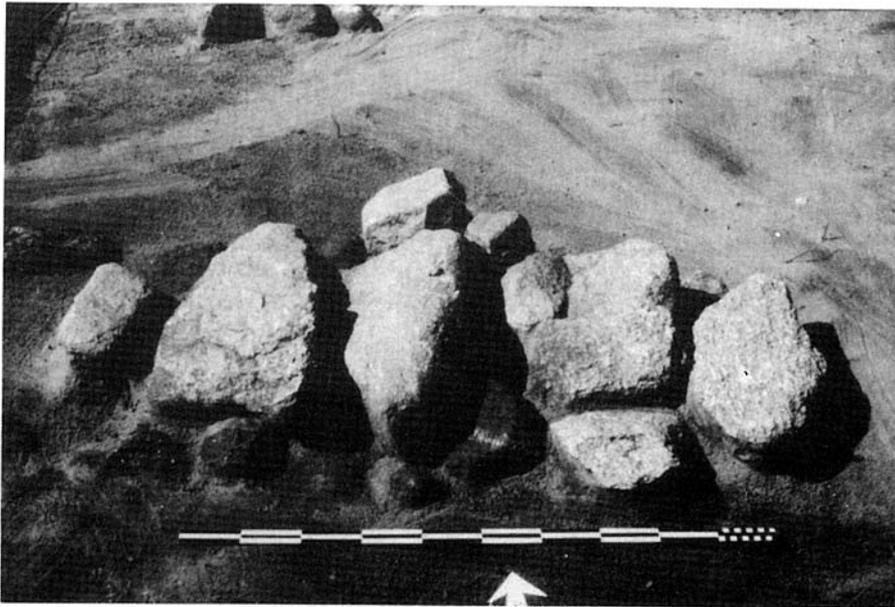


Fig. 44 — Sepultura IV de S. João de Ester.

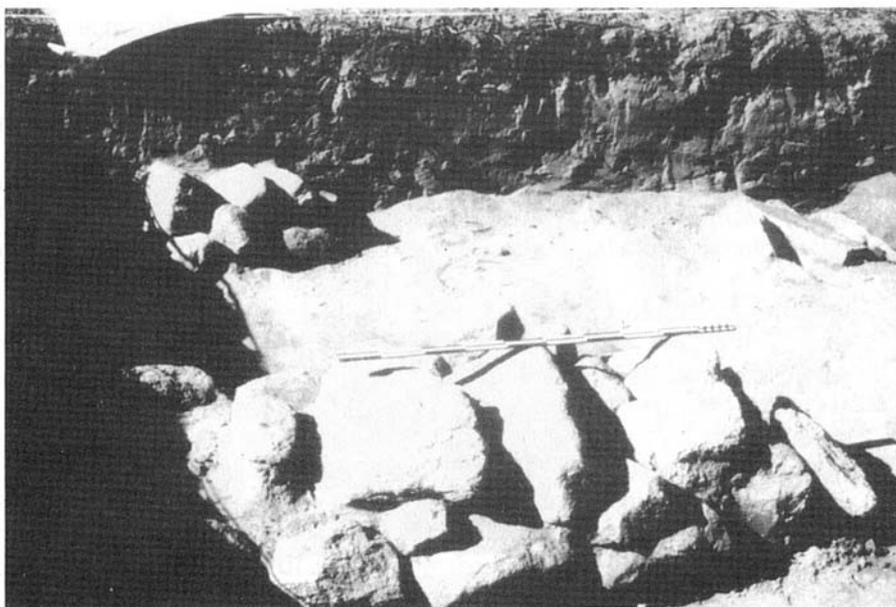


Fig. 45 — Sepultura IV de S. João de Ester.

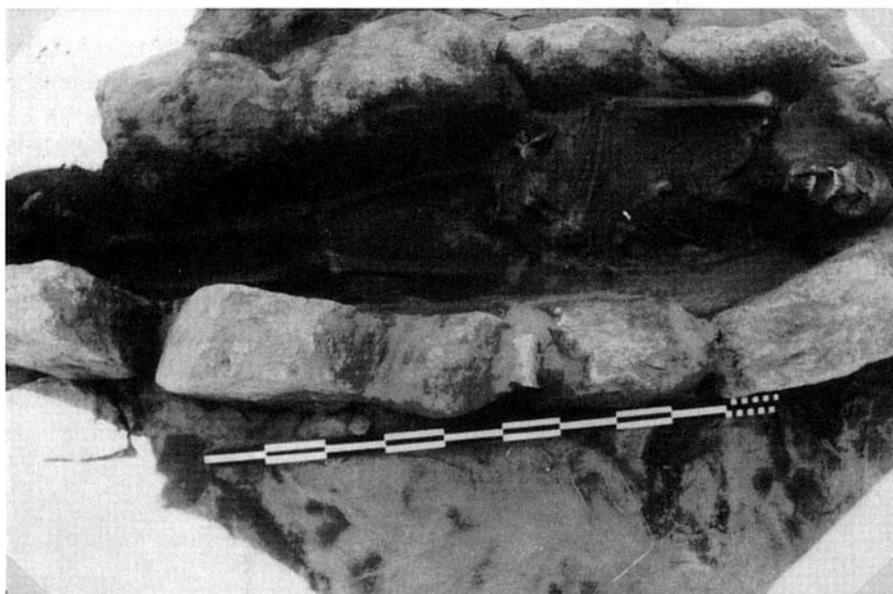


Fig. 46 — Sepultura IV de S. João de Ester.

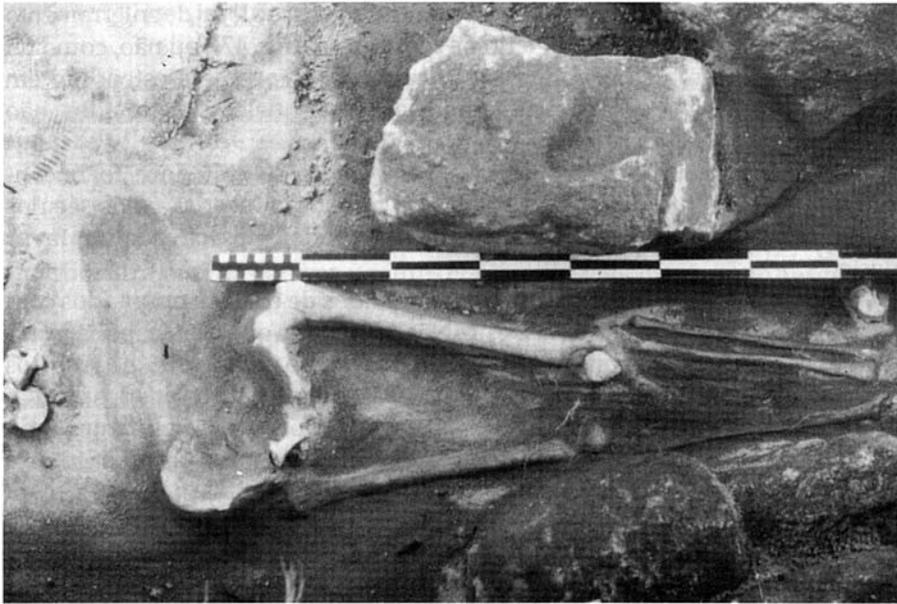


Fig. 47 — Sepultura II de S. João de Ester.

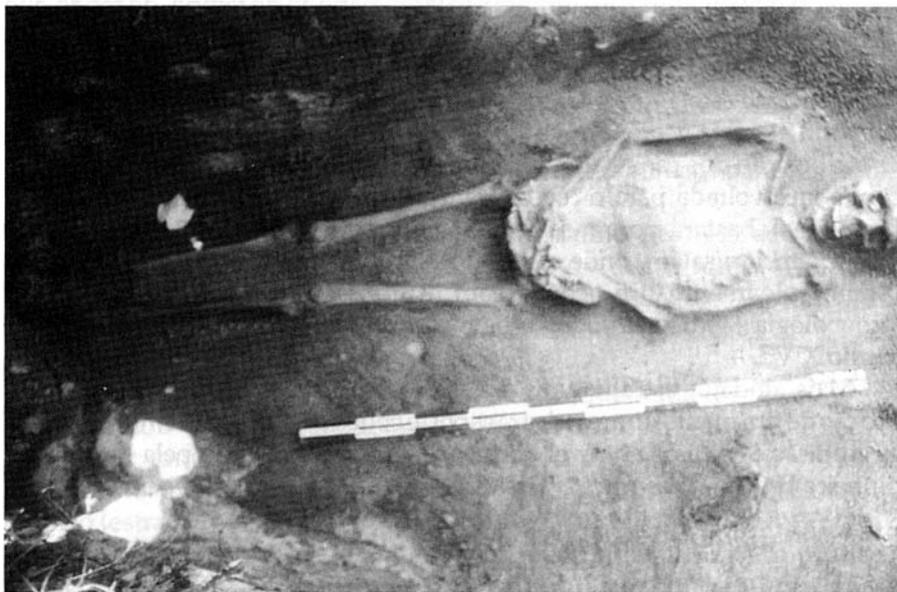


Fig. 48 — Sepultura III de S. João de Ester.

Para o enterramento sem “caixa”, podia delimitar-se o local de enterramento com algumas pedras, como foi feito na sepultura II (fig. 47), ou não, como foi o caso da sepultura III. Em qualquer dos casos, o corpo era estendido em decúbito dorsal e em perfeitas condições: os esqueletos exumados não apresentavam qualquer torsão.

De notar que junto da sepultura II, como pedra delimitadora, foi encontrado um fragmento de cruz de estela das que foram usadas pelos séculos XI-XIII, o que nos faz pensar em necrópole anterior, desactivada em favor desta.

Todos os esqueletos se encontravam deitados de costas e orientados com os pés para Este e a cabeça para Oeste. Não foi achado qualquer espólio intratúmular, o que nos faz pensar numa sociedade muito pobre em que os mortos eram apenas embrulhados num lençol. Os ossos foram cuidadosamente retirados um a um, e colocados em quatro conjuntos, correspondentes cada um a um sepultamento. Aguarda-se o relatório do seu estudo pelo Instituto de Antropologia do Porto, que foi oportunamente pedido.

Este conjunto de sepulturas mostra claramente tratar-se dum cemitério, e que este é o da extinta paróquia de S. João de Ester. Os dois tipos de sepultura evidenciam dois tipos de enterramento que podem corresponder a duas épocas distintas: mais arcaica a sepultura em caixa, mais recente a sepultura sem ela (em ataúde ou em simples cova). Sendo assim, estar-se-ia perante um cemitério que foi utilizado durante um largo período de tempo, de modo que os enterramentos mais recentes vieram instalar-se nos espaços disponíveis entre sepulturas pre-existentes. Se a esta hipótese juntarmos o achado do fragmento de estela referido em 4.3., maior parece ser a espessura temporal ocupada por esta necrópole.

A posição dos esqueletos permite-nos pensar que eles foram enterrados com a face voltada para o céu e orientados de tal maneira, que, no Dia do Juízo Final, bastará porem-se de pé para ficarem voltados para o Vale de Josafat em Jerusalém, onde, segundo a crença tradicional, terá lugar este último Julgamento. De acordo com estudos feitos por especialistas da Arqueologia Medieval, poderemos hipoteticamente datar este conjunto do século XIV⁵².

Mais ainda, a estratigrafia revela-nos a incidência da *little ice age* na criação de um manto de areia de transporte eólico de mais de 30cm, que cobriu as culturas e as casas ao nível do piso, e que só foi contido pela difusão do pinheiro bravo (*Pinus pinaster* Sol.).

⁵² Cfr. Barroca 1987: 300.

4. S. FRANCISCO DO MONTE 1988

Para dar seguimento às explorações realizadas nas campanhas anteriores, organizámos o trabalho em três frentes: renovação da limpeza já efectuada e limpeza de novas áreas; escavação no subsolo da capela-mor; início da intervenção noutros sectores do edifício.

4.1. Um monumento abandonado fica sujeito a toda uma série de agressões particularmente da natureza, com as chuvas que vão dissolvendo a argamassa das paredes e a vegetação cujas raízes se implantam nelas, as vão desconjuntando e vão roubando a indispensável humidade à argamassa que as une. Impõe-se por isso, uma intervenção constante de limpeza da vegetação espontaneamente adventícia. No ano passado de 1987, um incêndio florestal devastou a zona pouco após a intervenção arqueológica. Tememos pela segurança do convento, mas ele nada sofreu: porque a limpeza efectuada tinha eliminado o combustível vegetal que poderia ter tornado o convento vítima do calor das chamas. Por isso em 1988 se prosseguiu nessa indispensável tarefa.

Voltou a limpar-se a capela-mor, o claustro e a sacristia, onde ainda se pôde ver o único e último resto do soalho (fig. 49), a cozinha, a loja/sumidouro e o lavabo. Pela primeira vez ficou completamente limpo o refeitório.

4.2. Na capela-mor, levou-se até à rocha natural a escavação do Quadrado IV e fez-se a escavação completa (até à rocha natural) do Quadrado III. No primeiro caso, verificou-se que a rocha natural se encontra à profundidade de 2.23m a contar do cimo do perfil. A mesma foi a profundidade a que se chegou no Quadrado I, que nos revelou a seguinte estratigrafia (figs. 50 a 56), confrontada com a estratigrafia no relatório anterior apontada para o Quadrado IV, cuja numeração por isso respeitamos:

Estrato 1 — cascalho misturado com saibro amarelo avermelhado, compacto e espesso, que encosta à parede da actual igreja. Trata-se do nivelamento do chão sobre o qual poderia ter assentado o soalho. Este estrato é, naturalmente, comum ao Quadrado IV e como tal consta do relatório anterior.

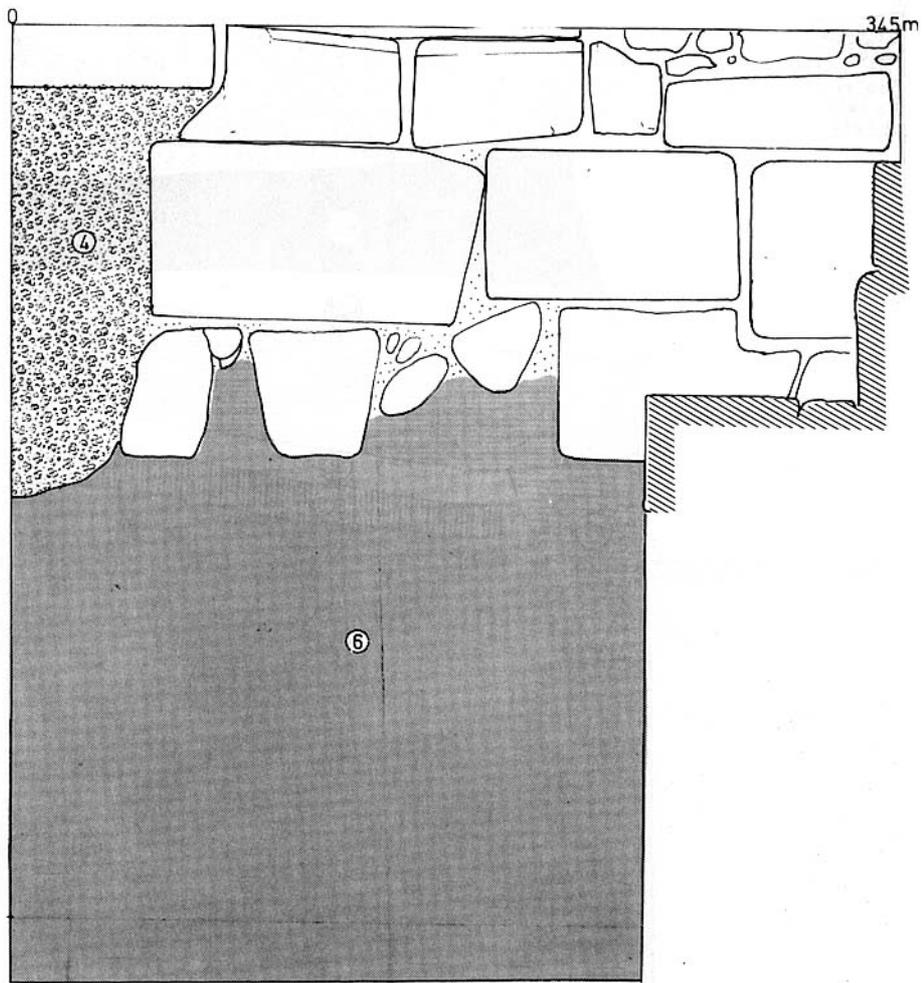
Estrato 2 — não aparece no perfil oeste do Quadrado III.

Estrato 3 — vala de fundação do "Muro A" descoberta em 1987 e que aqui se repete: camada de terra com cascalho e pedras de pequeno porte, que poderão ter integrado uma camada de enchimento sobre a qual teria assentado o piso (estrato 2) que nesta campanha não foi detectado.

Estratos 4A, B e C — foram finalmente encontradas nesta campanha as valas de fundação da parede lateral, só que em número de 3. A primeira a contar de cima — 4A — é visível no perfil este e consta de saibro amarelado e



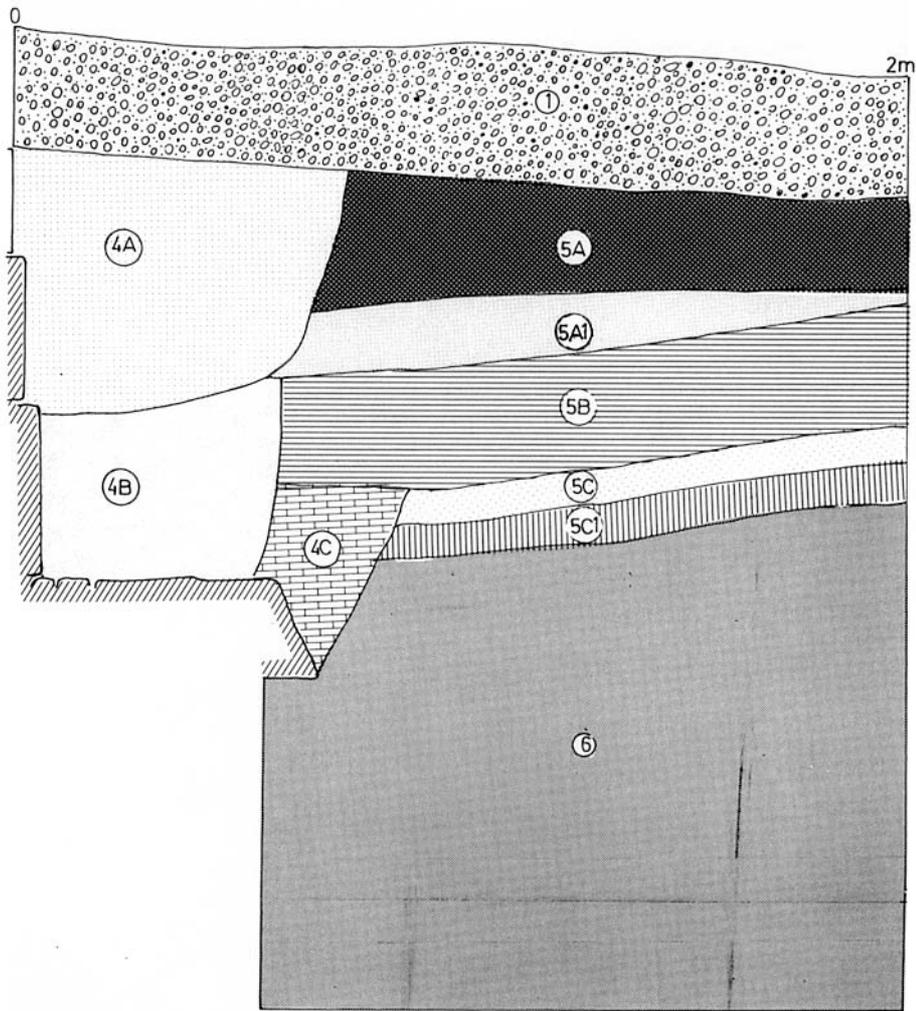
Fig. 49 — Último resto do soalho da sacristia de S. Francisco do Monte.



S.FRANCISCO DO MONTE 1988
Quadr° III, perfil W



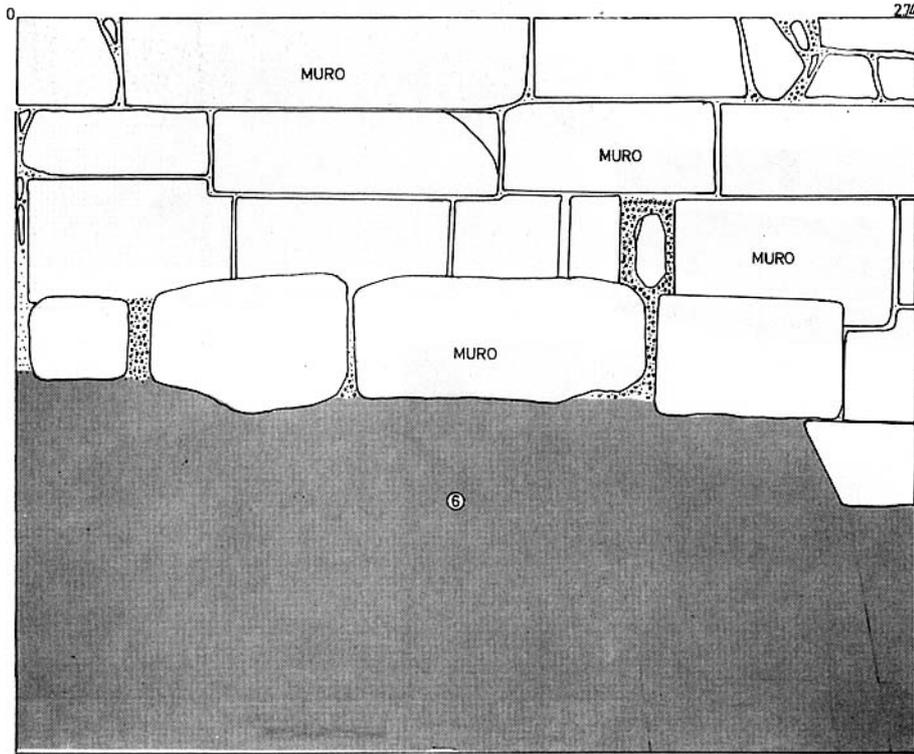
Fig. 50



S.FRANCISCO DO MONTE 1988
 Quadr° III, perfil E



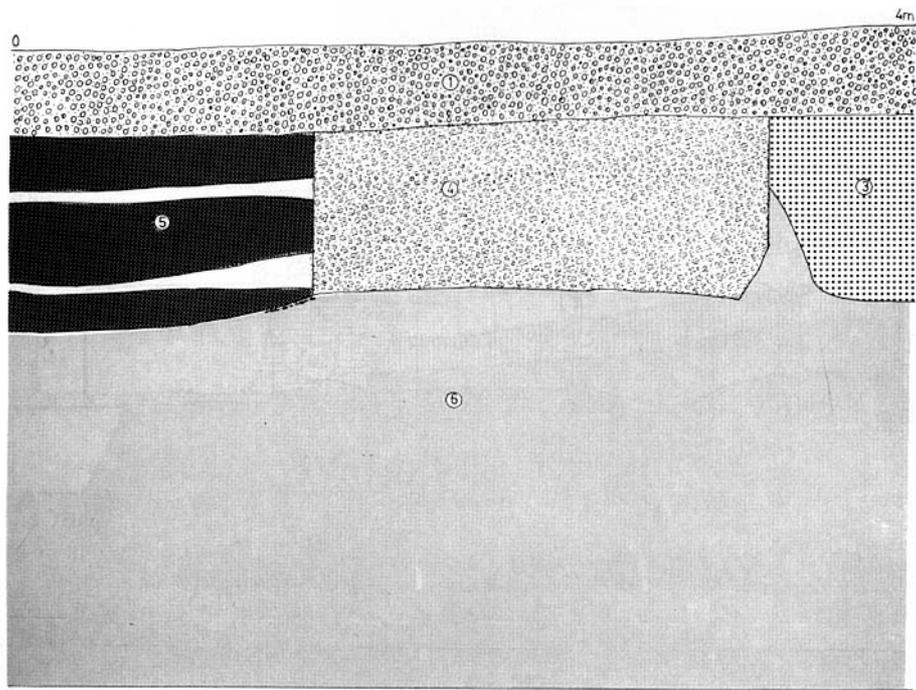
Fig. 51



S.FRANCISCO DO MONTE 1988
Quadr*III, perfil N



Fig. 52



S.FRANCISCO DO MONTE 1988
 Quadr° III, perf. II S



Fig. 53

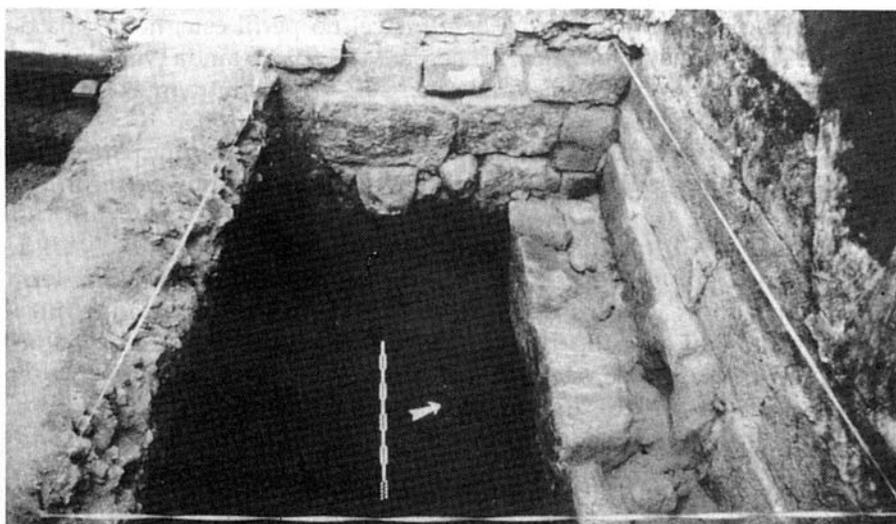


Fig. 54 — S. Francisco do Monte 1988: perfil oeste do Quadrado III.



Fig. 55 — S. Francisco do Monte 1988:
perfil este do Quadrado III.

pedras soltas. Abaixo desta e também visível no perfil este, nova vala de função — 4B — constituída por terra negra. Mais abaixo ainda (ver o mesmo perfil este), uma terceira vala de fundação — 4C — dum outro muro, inferior, também formada por saibro com pedras como a 4A.

Estrato 4 — no perfil sul está bem visível uma violação, ao que parece para a instalação duma sepultura, dada a terra negra que a constitui e o recorte do perfil.

Estrato 5 — já presente na escavação do Quadrado IV, então se disse ser constituído por terra espessa, de textura compacta constituída por terra negra com alguns carvões dispersos. Parece apresentar camadas intermédias, esbranquiçadas, de saibro, que resultariam do efeito de lixiviação, tornando-se, assim, uma sucessão de camadas alternadamente eluviais e iluviais. Só que este ano se verificou que este, que nos tinha parecido um estrato homogéneo, é cortado pelas valas de fundação 4C, 4B e 4A, o que nos levou a concluir pela existência de três conjuntos de cinco camadas: 5A e 5A1, 5B, 5C e 5C1.

Estrato 6 — camada humosa com tonalidades amareladas e que é, como as anteriores, estéril em termos de espólio.

O decorrer da escavação fez descobrir que às valas 4A e 4B corresponde uma fase da construção da parede lateral norte (vista frontal na fig. 52 e de perfil na fig. 50). À vala (estrato) 4C corresponde um muro de cota mais baixa. Quer isto dizer que inicialmente foi construído um edifício de planta mais curta que o actual, como se infere da escavação de 1987, posterior ao estrato 6 e contemporâneo dos estratos 5C e 5C1, que foram cortados para lançamento da sua respectiva vala de fundação (4C). Posteriormente, ao tempo do estrato 5B, este edifício foi destruído, para ser construído outro a que corresponde a fiada de pedras imediatamente superior e cuja vala de fundação é o estrato 4B. Este programa foi, ainda por sua vez reformulado: a 2ª fiada de silhares passou a fazer de soco e sobre ele se implantou novo alicerce (3ª fiada de silhares a contar de baixo) contemporâneo do estrato 5A e 5A1, já que a sua vala de fundação (estrato 4A) os corta. Não podemos, de momento, datar qualquer destes três programas por falta de espólio nas respectivas valas de fundação e estratos cortados por elas, nem definir as suas relações com os muros A e B que foram definidos na campanha de 1987. Contudo, se fizermos corresponder a vala 4A ao último programa arquitectónico (séculos XVII-XVIII), este corresponderia ao muro B e o programa arquitectónico contemporâneo dos estratos 4B e 5B seria contemporâneo do muro A. De qualquer modo, a fig. 54 mostra que o muro correspondente ao "B" do quadrado IV contém pedras reaproveitadas, uma das quais, que parece ter sido aduela dum arco, ainda com fragmentos de estuque agarrados à superfície.

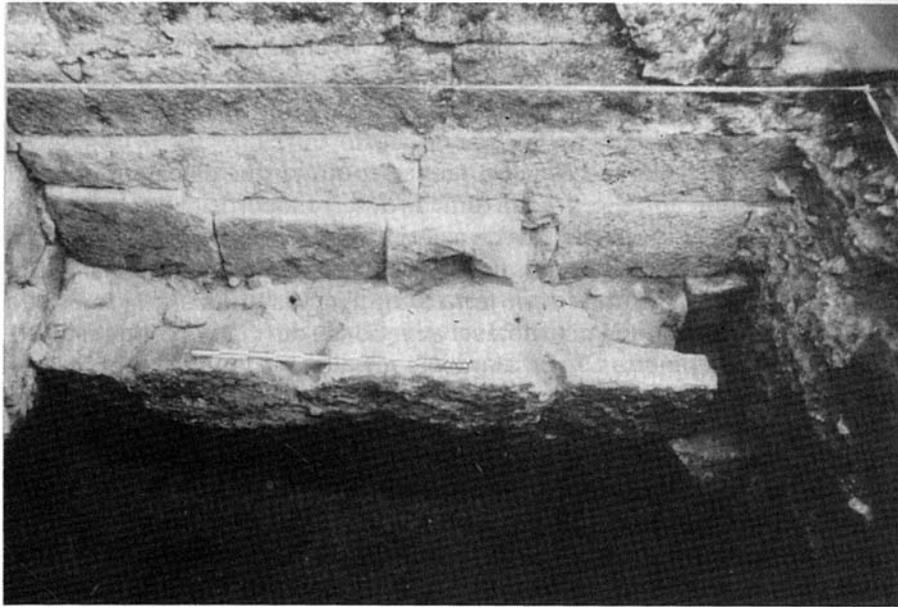


Fig. 56 — S. Francisco do Monte 1988: perfil norte do Quadrado III.

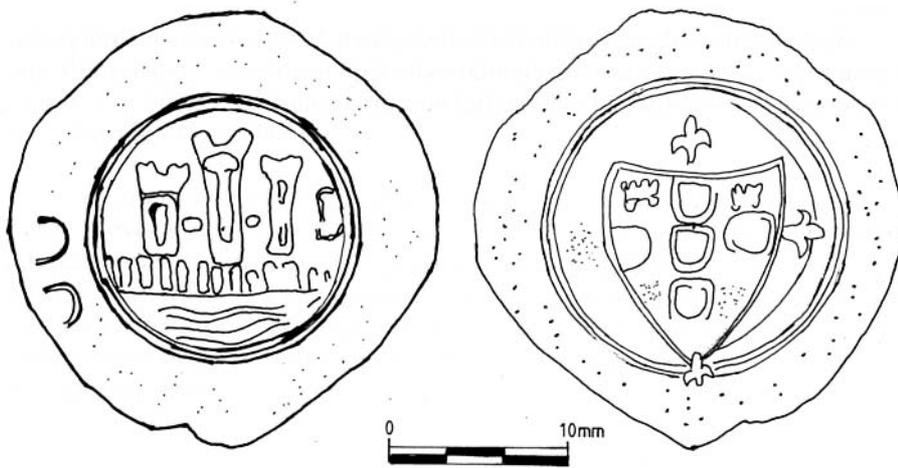


Fig. 57 — Ceitil de D. Afonso V encontrado na vala de fundação do muro norte da nave da igreja do convento de S. Francisco do Monte.

4.3. No sentido de esclarecer estas dúvidas, resolvemos abrir novas frentes de intervenção. Começámos pela portaria, onde levantámos uma lage sepulcral. Nada havia por baixo da lage, o que permite concluir que o programa setecentista da portaria se serviu de elementos anteriores, um dos quais foi a lage em questão, cuja letra aponta para o século XVII.

Investigámos então no claustro numa sepultura que ostenta a gravura dum estrela com cauda. Retirada a camada de terra superficial, apareceu bem visível a vala de fundação da parede exterior da igreja, que foi logo retirada, para não prejudicar a leitura dos estratos situados lateralmente a ela. Nesta vala de fundação, constituída por terra e entulho misturados com saibro de demolição, foi encontrada uma notável quantidade de fragmentos de estuque com vestígios de pinturas. Imediatamente ressalta que houve um programa arquitectónico anterior a este e que o edifício em questão era revestido a estuque pintado segundo a técnica do "intonacco" mais "intonachino" e pintado. Para determinar a época e técnica da pintura, foram enviadas amostras ao Centro de Conservação e Restauro que funciona na Santa Casa da Misericórdia de Viana do Castelo com técnicos especializados. O relatório resultante analisa o processo técnico de revestimento e pintura, datando-o dum época contemporânea ou anterior ao século XVII. Entre o entulho foi encontrada uma moeda de bronze muito desgastada que, depois de limpa, foi identificada como um ceutil de D. Afonso V (fig. 57)⁵³.

Proseguimos depois a escavação do 3º estrato e deparámos com ossadas, o que veio confirmar a existência dum estabelecimento anterior ao actualmente visível.

A prossecução da operação de limpeza pôs a descoberto mais uma pedra de sagração. Deve ser mais um elemento de edifício anterior, consagrado, que foi demolido e substituído pelo actual ou outro anterior a este.

⁵³ Aragão (1874): I, 228, 235-236, Est. XI (nº 20).

5. S. MAMEDE 1988

5.1. S. Mamede tem, para os vianenses, um sentido emblemático de antigualha: lugarejo remoto no espaço, aparece consagrado como remoto no tempo. Será? No seu tecido dominam hoje, ao lado de campos fósseis, ruínas de casas e de muros, embora a capela actual seja apenas de 1671. Mas, ao longe, num local remoto, abandonado, há uma velha capela arruinada.

Ora as Inquirições de 1258⁵⁴ mencionam uma "eclesia de Sancto Fiiz" que em 1321 parece ter já desaparecido e que podia ter-se situado aqui⁵⁵. Tratar-se-ia duma aldeia abandonada para ser retomada mais tarde? O certo é que só uma exploração arqueológica poderá fornecer uma data para a capela abandonada, e os restos visíveis mais antigos não vão além do século XVI (fig. 58), embora apareçam outros elementos de antiguidade certa mas discutível. A capela abandonada evidencia ter tido duas fases de construção. Por tudo isto, a aldeia abandonada (fig. 59), aí chamada de "aldeia velha", se reveste de particular interesse.

5.2. Foi precisamente aí que se desenrolaram as operações em duas frentes: a "casa do padre" e a capela abandonada, pois só para intervir nelas foi dada autorização dos proprietários. A chamada "casa do padre" afirma-se como uma habitação rural relativamente recente, onde se fez uma "arqueologia etnográfica" que eliminou agentes deletérios como as heras que cobriam as paredes e pôs à vista petróglifos com sinais apotropaicos (fig. 60) e um fundo de espigueiro de verga (canastro).

A exploração da capela pouco pôs a descoberto, além dum fragmento de mó (fig. 61) que deve ter feito parte do aparelho, porquanto todas as peças de cantaria, à parte um fuste de coluna de alpendre (fig. 62) e uma aduela dum arco (fig. 63) devem ter sido roubadas.

5.3. Como se evidencia da planta topográfica (fig. 64), a capela assenta numa elevação que parece artificial e estava cercada dum pequeno adro parcialmente destruído. Como pode ter sido centro dum eremitério, no seu adro e nela terá de ser feita uma sondagem que ajude a defini-la antes que possa ser objecto de degradação ou mesmo depredação maior. A dita "casa do padre" merece respeito e atenção das autoridades, mas não me parece justifique a continuação duma exploração arqueológica.

⁵⁴ Herculano 1856: 330b.

⁵⁵ Marques 1980: 459.



Fig. 58 — Casa quinhentista de S. Mamede, Areosa, Viana do Castelo.

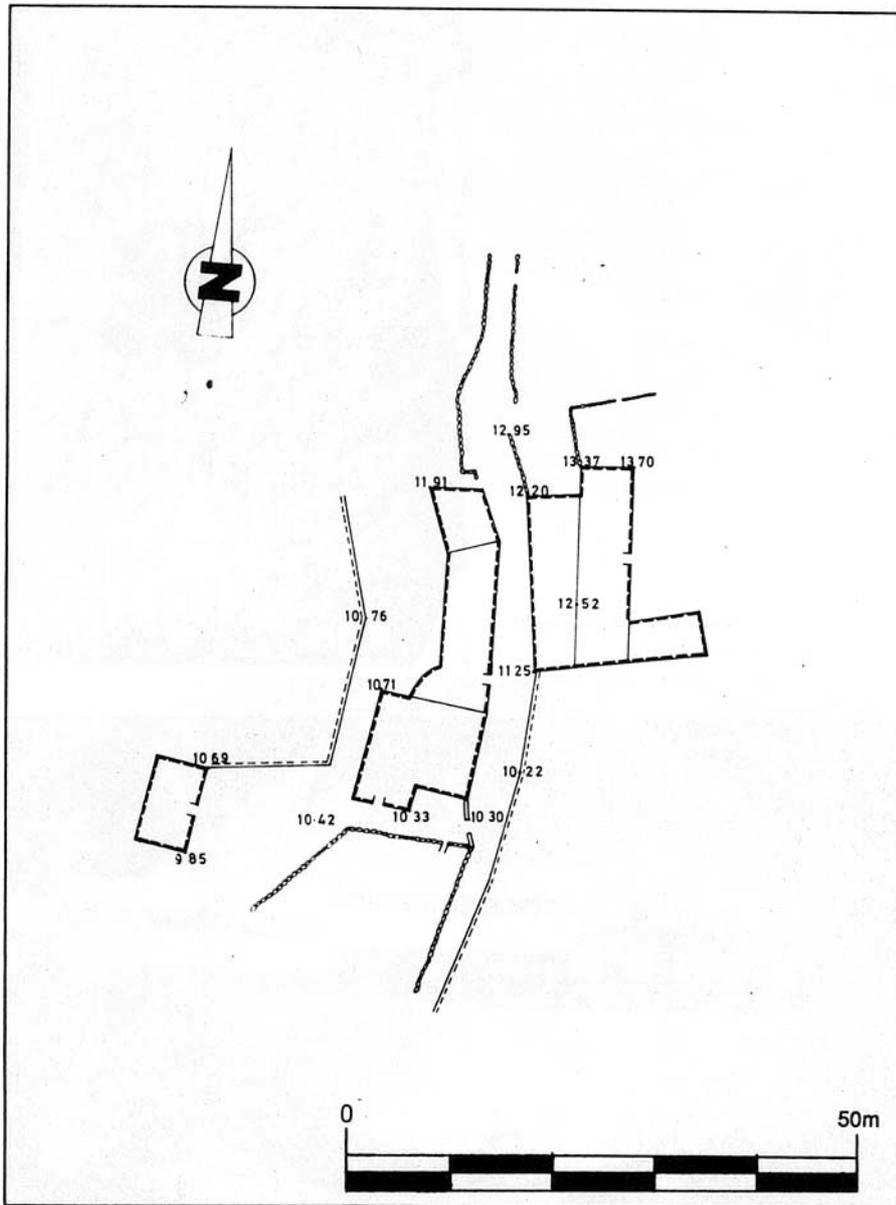


Fig. 59 — Casas em ruínas de S. Mamede, Areosa.



Fig. 60 — Sinais apotropaicos da "casa do padre" de S. Mamede, Areosa.

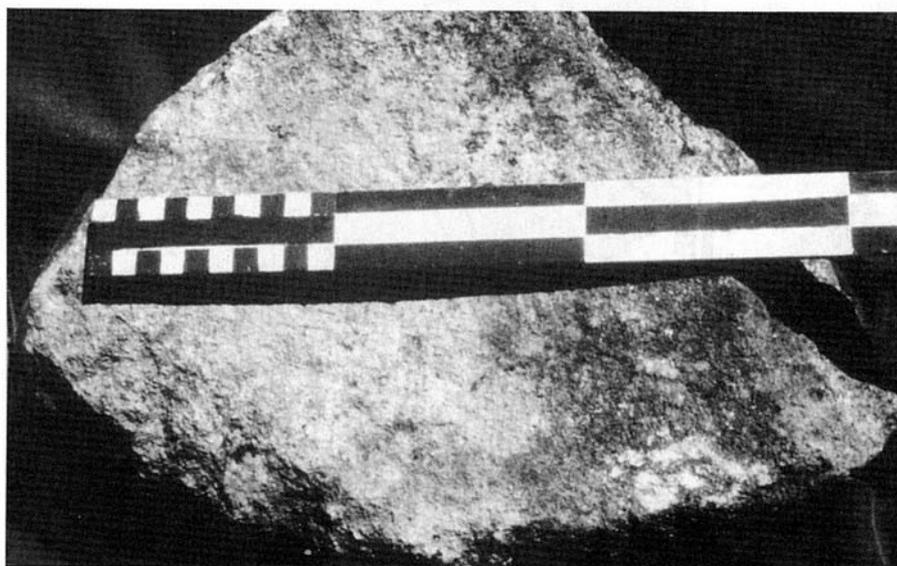


Fig. 61 — Fragmento de mó de S. Mamede, Areosa.

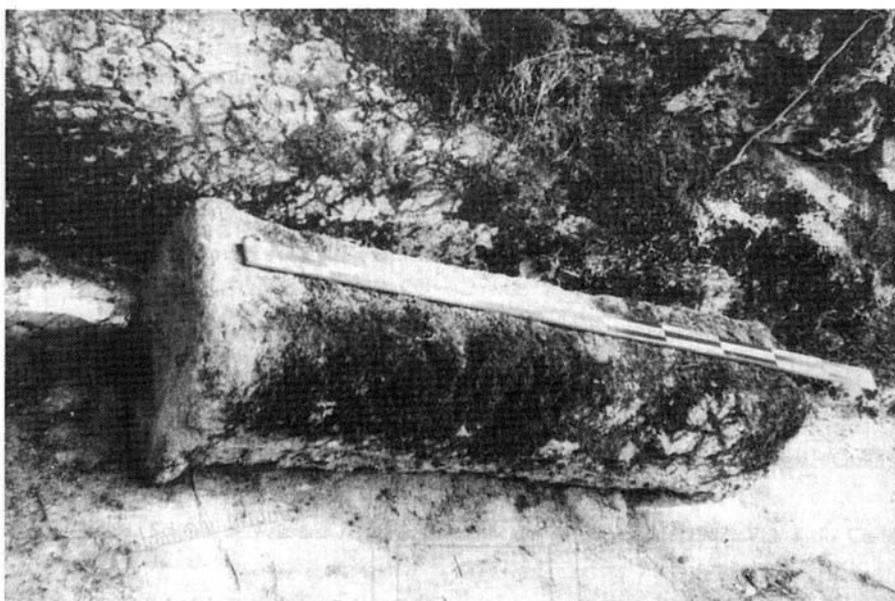


Fig. 62 — Fuste de coluna de alpendre da “capela velha” de S. Mamede, Areosa.

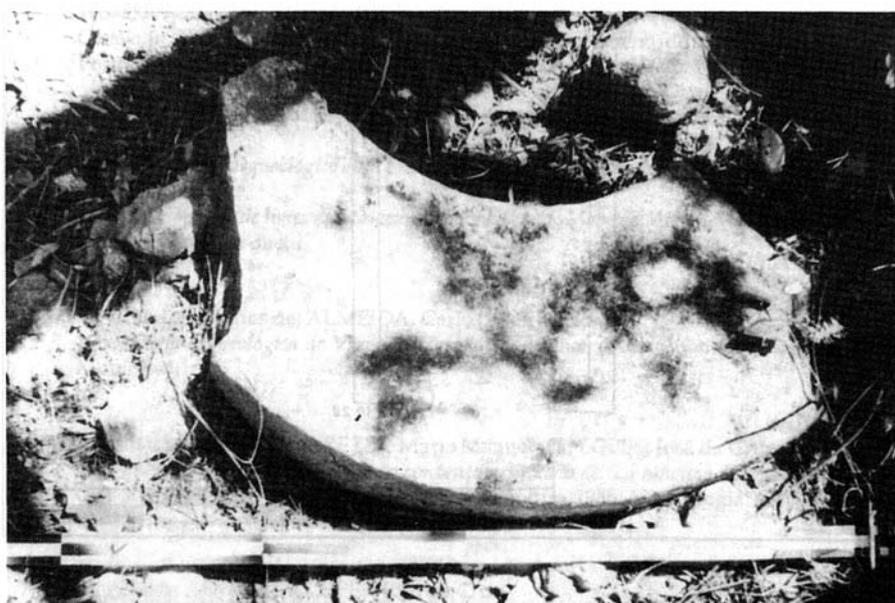


Fig. 63 — Aduela de arco de campanário da “capela velha” de S. Mamede, Areosa.

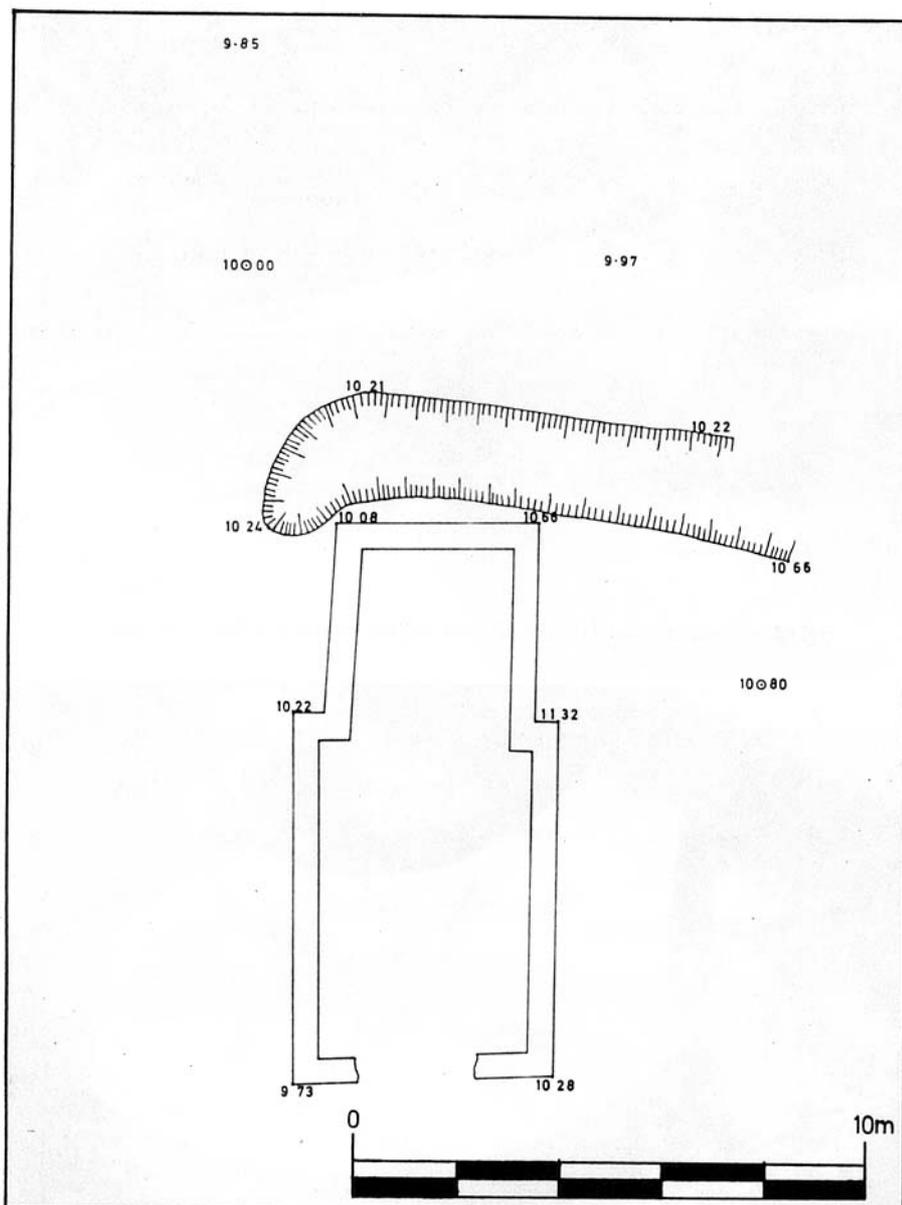


Fig. 64 — Planta topográfica da "capela velha" de S. Mamede, Areosa.

OBRAS CITADAS NESTE ENSAIO:

ABREU, Alberto Antunes de

1985a, *Subsídios bibliográficos: I: monumentos militares do concelho de Viana do Castelo*. "Boletim da Biblioteca Municipal de Viana do Castelo", Viana do Castelo, 1(1), p. 7-15.

1985b, *Monumentos medievais de Viana do Castelo*. "Revista Municipal de Viana do Castelo", Viana do Castelo, 0, p. 5-14.

1986a, *O castelo de S. Tiago da Barra*, Viana do Castelo, Câmara Municipal e Centro de Estudos Regionais.

1986b, *Para a História de Vila Nova de Anha: a capela de S. João*, in "Festas de Vila Nova de Anha", Viana do Castelo.

(1987), *Darque na História*, folheto de "O Darquense", Darque, 1(0)-2(18), 1987-88.

1987, *Aspectos da crise climática dos séculos XVI-XVIII no Noroeste de Portugal*. "Cadernos Vianenses", Viana do Castelo, 10, p. 55-81.

1988a, *Sanfins de Friestas: relatório da campanha de limpeza de 1987*, Viana do Castelo, dactil.

1988b, *Relatório da intervenção arqueológica no convento de S. Francisco do Monte, Abelheira, Viana do Castelo*, Viana do Castelo, dactil.

1989a, *Projecto de investigação de Arqueologia Medieval e Moderna da área envolvente de Viana do Castelo*, in "Projectos de investigação em Arqueologia: documento de trabalho e planeamento", Porto, Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte, polic., p. 115-117.

1989b, *Necrópole de S. João de Ester: relatório da escavação de 1989* (sic), s.l., dactil.

1989c, *Escavação arqueológica de S. Francisco do Monte: relatório da campanha de 1988*, s.l., dactil.

1989d, *Campanha de limpeza da aldeia abandonada de S. Mamede, Areosa, Viana do Castelo: 1988*, Viana do Castelo, dactil.

ABREU, Alberto Antunes de; ALMEIDA, Carlos A. Brochado de

1988, *Carta arqueológica de Viana do Castelo*, 133 fichas soltas, Viana do Castelo, Câmara Municipal.

ABREU, Alberto Antunes de; AREZES, Maria Manuela F.; LOPES, José da Cruz

1988, *A importância arqueológica do convento arruinado de S. Francisco do Monte em Viana do Castelo*, in "Actas do Colóquio Manuel de Boaventura: 1985: Arqueologia", Esposende, Casa da Cultura/Biblioteca Municipal, p. 153-168.

ABREU, Alberto Antunes de; LOPES, José da Cruz

1986, *S. Francisco do Monte: memória sobre o monumento e relatório da campanha de limpeza de 1985*, Viana do Castelo, dactil.

- ALMEIDA, Carlos A. Brochado de
1987, *Proto-história e romanização da bacia inferior do Lima*, s.l., Faculdade de Letras do Porto, polic.
- ALMEIDA, Carlos A. Brochado de; ABREU, Alberto Antunes de
1984, *A necrópole de incineração de Condomil*. "Centro de Estudos Regionais: Boletim Cultural", Viana do Castelo, 1, p. 81-85.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de
1978a, *Arquitetura românica de Entre-Douro-e-Minho*, dissertação de doutoramento em História da Arte, 2 vols., Porto, Faculdade de Letras, polic.
1978b, *Castelologia medieval de Entre-Douro-e-Minho*, trabalho complementar das provas de doutoramento em História da Arte, Porto, Faculdade de Letras, polic.
1986, *O românico*, in "História da Arte em Portugal", vol. 3, Lisboa, Alfa.
- ARAGÃO, A. C. Teixeira de
(1874), *Descrição geral e histórica das moedas cunhadas em nome dos regentes e governadores de Portugal*, 3 tomos, Lisboa, Imprensa Nacional, 1874-80.
- ARAÚJO, António de Sousa
1985, *Roteiro Franciscano: Viana do Castelo*. "Paz e Alegria", Lisboa, 9 (49), p. 17-21.
- BARROCA, Mário Jorge
1987, *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho: séculos V a XV*, provas de aptidão científica e pedagógica, Porto, Faculdade de Letras, polic.
- CAMEIRA, Vasco F.
1986, *Aproveitamento do Castelo de Santiago da Barra para o turismo e cultura: programa base*, com pref. de Francisco SAMPALHO, s.l., Comissão Regional de Turismo do Alto Minho e Gabinete de Apoio Técnico do Vale do Lima.
- COSTA, Avelino de Jesus da
1981, *A comarca eclesiástica de Valença do Minho: antecedentes da diocese de Viana do Castelo*, separata do "I Colóquio Galaico-Minhoto", Ponte de Lima.
- FERNANDES, A. de Almeida
1973, *A limitação das paróquias de Anha e Xafé: exposição da Junta de Freguesia de Anha a Sua Ex.ª Rev.ª o Sr. Arcebispo Primaz*, in "Serão" n.º 171-173, folhetim do "Notícias de Viana", Viana do Castelo, 1149 (Jan 29), 1153 (Fev 12) e 1158 (Mar 01).
- GONÇALVES, Flávio
1959, *Um convento abandonado: o de S. Francisco do Monte, junto de Viana do Castelo*, reedit. in "História da Arte: iconografia e crítica", col. "Arte e Artistas", Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990, p. 137-140.

- GUERRA, Luís de Figueiredo da
1899, *Uma povoação subterrada*. "Portugalia", Porto, 1 (3), p. 609-612.
- HERCULANO, Alexandre — ed.
(1856), *Portugaliae Monumenta Historica a saeculo octavo post Christum usque ad quintum decimum*, Lisboa, Academia das Ciências, *Inquisitiones*, I, parte I, 1888-97, parte II, 1917-36.
- JESUS MARIA JOSÉ, Pedro de
(1754), *Chronica da Sancta e Real Provincia da Immaculada Conceição de Portugal...*, 2 tomos, Lisboa, Miguel Manescal da Costa, 1754-60.
- MARQUES, José
1980, *O censual do cabido de Tui para o arcediagado da Terra de Vinha: 1321*. "Bracara Augusta", Braga, 34 (2), p. 447-482.
- PORTUGAL. Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
1938, *A igreja de S. Fins de Friestas*. "Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais", Lisboa, 11, Maio de 1938.
- PRESA (Padre)
1968, *Práticas da trezena antoniana ou breves confidências aos jovens*, Viana do Castelo, igreja de Sto. António.
- REIS, António Matos
1985, *Castelos do Alto Minho e outras fortificações de interesse histórico na área do distrito de Viana do Castelo*. "Centro de Estudos Regionais: Boletim Cultural", 2, p. 103-123.

1987, *Filippo Terzi à luz dos documentos: a fortaleza de S. Tiago da Barra em Viana do Castelo*. "Arquivo do Alto Minho", Viana do Castelo, 28, p. 118-140.
- ROSA, Domingos P. G.
1889, *Descrição de S. Francisco de Vianna chamado algum dia de Mirtolo*, folhetim do "Jornal de Vianna", Viana do Castelo, 3(272), (273), (274) e (275), respectivamente de 9, 13, 16 e 20 de Junho.

* * *

* Os signatários agradecem: ao Instituto da Juventude, às Câmaras Municipais de Viana do Castelo e Valença, à Santa Casa da Misericórdia de Viana do Castelo, às Juntas de Freguesia de Chafé e Areosa, e aos Snrs. Luciano Martins Viana, Francisco Enes Franco e Ilídio Martins A. Cunha todas as gentilezas, facilidades e apoios tão generosamente proporcionados.